



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS - CCSA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

ROSIENE FERREIRA DOS SANTOS

**A IMAGEM DO CONFLITO ARMADO: O DISCURSO DO JN SOBRE A
OCUPAÇÃO DO MORRO DO ALEMÃO EM 2010**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

ROSIENE FERREIRA DOS SANTOS

**A IMAGEM DO CONFLITO ARMADO: O DISCURSO DO JN SOBRE A
OCUPAÇÃO DO MORRO DO ALEMÃO EM 2010**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Monografia, em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237i Santos, Rosiene Ferreira dos
A imagem do conflito armado [manuscrito] : O discurso do JN sobre a ocupação do Morro do Alemão em 2010 / Rosiene Ferreira dos Santos. - 2016.
71 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva, Departamento de Comunicação Social".

1. Discurso telejornalístico 2. Jornal nacional 3. Favelas. 3. Telejornalismo. I. Título.

21. ed. CDD 070.433

ROSIENE FERREIRA DOS SANTOS

**A IMAGEM DO CONFLITO ARMADO: O DISCURSO DO JN SOBRE A
OCUPAÇÃO DO MORRO DO ALEMÃO EM 2010**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Monografia, em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Aprovada em: 09/11/2016 . Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA

Moisés de Araújo Silva

**Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

Rômulo de Azevedo Filho

**Prof. Me. Rômulo Ferreira de Azevedo Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

Leonardo da Silva Alves

**Prof. Me. Leonardo da Silva Alves
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

Dedico ao meu filho Miguel Ferreira Gomes,
que é o presente mais lindo de Deus em
minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, que me ajudou a chegar até aqui. Durante todo esse trajeto aconteceram muitas coisas que me fizeram pensar em desistir. Há momentos que os obstáculos parecem ser maiores que os nossos objetivos, é nessas horas que Deus mostra o quanto podemos alcançar, se tivermos fé e força de vontade. A Ele toda honra e toda glória!

Agradeço aos meus pais pelo apoio, desde o início da faculdade. Em especial a minha mãe pelas orações e palavras de motivação. Apesar dela não ter concluído os estudos e as oportunidades não serem as mesmas, sempre me incentivou e me mostrou desde pequenininha, quando acordava cedo para me levar à escola, que a educação é o melhor caminho para o sucesso. Muito obrigado pela forma que a senhora me educou, Maria de Fátima!

Posso dizer, de fato, que esse trabalho é uma conquista alcançada debaixo de muitas lágrimas e dificuldades. E nesses momentos, fui agraciada com a presença e compreensão do meu esposo Rosinaldo Gomes, que tantas vezes suportou meus ataques de desespero. Te amo amor meu!

Também agradeço as minhas irmãs e aos meus amigos pela atenção. Eram eles que estavam sempre presentes me dando uma palavra de ânimo, dizendo que eu ia conseguir e que Deus estava no controle de tudo. Cada um(a) me ajudou à sua maneira. Aqui fica registrado a minha gratidão!

E como eu não poderia, de forma alguma, ser injusta, agradeço de coração ao meu professor e orientador Moisés Araújo. Pela dedicação, disposição, paciência e por cada vez que me serviu como psicólogo. Eu dei trabalho, viu! Mas ele me ajudou da forma que era preciso.

Enfim, nesse momento tão esperado me faltam palavras para expressar tamanha felicidade. Eu sei o que passei, os medos que enfrentei, e quem conhece a minha história sabe tudo o que me ocorreu e que afetou direta ou indiretamente na conclusão dessa pesquisa. E por tudo isso, sou grata ao Deus da minha vida que por mim tudo executa. Ele é fiel!

Jorge Ferreira dos Santos
In Memoriam

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre o papel do Jornal Nacional na cobertura da ocupação da Vila Cruzeiro e do Morro do Alemão e descobrir qual o discurso sustentado pelo telejornal em relação a esse evento ocorrido em novembro de 2010. Para tanto, escolhemos como Corpus do nosso trabalho algumas edições do JN exibidas nesse período pela Rede Globo. Tomamos como base metodológica a Análise do Discurso de escola francesa, pois entendemos que a AD é responsável por investigar as entrelinhas de um dado discurso e a partir daí identificar o dito e o não dito, além de conhecer os efeitos de sentidos que se baseiam em um processo ideológico. Optamos por analisar o discurso do telejornal, porque a ocupação do Complexo do Alemão foi um período que ficou sublinhado a violência no Rio de Janeiro e a intervenção Militar. O analista do discurso tem a tarefa de buscar detalhes e sentidos muitas vezes ocultos nas entrelinhas dos enunciados e nas mais diversas imagens. Partindo desse pressuposto, concluímos que fazer a cobertura de forma responsável, mostrar o lado dos moradores da favela em diversas situações, manter o equilíbrio e profissionalismo mediante toda aquela turbulência, foi a missão da emissora. Um conflito armado que pôs fim ao domínio do tráfico.

Palavras-chave: Discurso telejornalístico. Jornal Nacional. Conjunto de favelas.

ABSTRACT

This paper aims to provide a reflection upon the role of Jornal Nacional (JN) in covering the occupation of Vila Cruzeiro and Morro do Alemão and to analyze the discourse endorsed by the newscast when it reported what happened in November 2010. For a consistent analysis, there is, as Corpus of this study, a selection of editions which were broadcasted by Rede Globo. As methodological basis we used the French School of Discourse Analysis (DA), for it is thought to be responsible to investigate the language and the intentions 'beyond the text', in addition to recognizing the effects of meaning surrounding an ideology. We chose to address this matter because the occupation of complexo do Alemão represents a moment in Rio de Janeiro marked by violence and military interventions. Discourse analysts have the duty to search texts for details and meanings underlying statements. From this assumption, we concluded that covering responsibly, showing the favela inhabitants' viewpoint, maintaining the balance and the professionalism were the mission of the newscast. An armed conflict that put an end to the trafficking domination.

Key-words: Journalistic discourse, Jornal Nacional, Set of favelas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – JORNALISMO EM REDE TELEVISIVA	11
1.1 A chegada da televisão no Brasil.....	11
1.2 Breve histórico do telejornalismo no Brasil.....	15
1.3 Telejornalismo na Globo.....	17
1.4 JN, o primeiro nacional.....	20
CAPÍTULO II – ANÁLISE DO DISCURSO: SUJEITO E SENTIDO	25
2.1 Noção de Ideologia em Althusser.....	25
2.2 Dispositivos de Análise.....	31
2.3 Condições de Produção.....	34
2.4 Formação Discursiva.....	35
2.5 Interdiscurso.....	36
2.6 Discurso telejornalítico.....	37
CAPÍTULO III – DA COLETA À ANÁLISE DO CORPUS	40
3.1 Estabelecendo métodos para análise.....	40
3.2 Análise do Corpus.....	41
3.2.1 Início das operações.....	41
3.2.2 Segundo dia da ação.....	51
3.2.3 Os maus policiais.....	56
3.2.4 Cobertura das operações rende o Emmy ao JN.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERENCIAL TEÓRICO	70

INTRODUÇÃO

A televisão, mídia que está inserida o nosso objeto de estudo, tem como característica peculiar à associação de imagem ao som. Optou-se por estudar a televisão por ser ela uma das principais fontes de informação e entretenimento de uma parte expressiva dos brasileiros. Segundo dados do IBGE, a TV está presente em 90% das residências do país. Podemos dizer que a televisão não entra apenas em nossas casas, ela entra também em nossas vidas, determinando padrões de comportamento, despertando vontade de consumo, propondo temas para debates no cotidiano e mais do que tudo isso, contando o que acontece no mundo.

O telejornalismo utiliza-se desses recursos para transmitir ao telespectador as suas mensagens. A TV e os noticiários se consolidaram no Brasil como um território simbólico. Juntos, assumem um papel de conservação das relações de poder e, conseqüentemente, um controle social no agendamento cultural e político da sociedade. Desde a veiculação do primeiro telejornal brasileiro, as modificações, advindas com o tempo, são naturais e perceptíveis em todos os noticiários, independente de emissora.

A Rede Globo, que estreou a comunicação em rede nacional no país e durante muito tempo perpetuou sua receita de como fazer telejornalismo, também tem sido uma das pioneiras em se aventurar pela busca de uma nova linguagem. Uma nova forma de dar as notícias envolvendo o telespectador na busca de garantir a verdade e a credibilidade ao conteúdo do discurso. É possível observar nos telejornais da emissora, inclusive no JN, a aposta no jornalismo mais coloquial, informal, produzido quase que em parceria com o público (que envia imagens, sugestões de pautas, etc.) com grande ênfase na prestação de serviços às comunidades.

No ano de 2010, o estado do Rio de Janeiro foi cenário de uma das maiores operações policiais de sua história, a tomada da Vila Cruzeiro e do Morro do Alemão, que envolveu centenas de policiais com o intuito de paralisar a ação de traficantes e criminosos que agiam naquela região. A operação teve grande destaque no campo midiático. Jornalistas de várias emissoras do Brasil e do mundo noticiaram o fato. Em alguns casos, repórteres e cinegrafistas tiveram que ficar no meio do “fogo cruzado” do conflito.

Diante desse acontecimento, torna-se indispensável o estudo do discurso. E como objeto de análise, elegemos o Jornal Nacional transmitido pela Rede Globo, além de ser o telejornal que está a mais tempo no ar, também é o líder de audiência nesse segmento da imprensa. Porém, o nosso objetivo é descobrir como se dão essas formações discursivas em um veículo de credibilidade e grande abrangência, como é o caso do JN. Através de recortes do confronto, buscamos compreender como são veiculados na casa de milhares de brasileiros, as notícias relativas a esse segmento, com o intuito de entendermos qual é o discurso sustentado pelo telejornal em relação a essa operação.

Após essa breve introdução, que teve por objetivo inserir o leitor no nosso campo de pesquisa, a composição desta monografia está dividida em três partes. No primeiro capítulo nos baseamos em textos que remetem a chegada da televisão no Brasil, o início do telejornalismo, a história da Rede Globo e do Jornal Nacional, que é o nosso objeto de estudo nesse trabalho.

No capítulo II, abordamos uma revisão das questões teóricas concernentes à nossa pesquisa, tais como: a noção de Ideologia, os dispositivos de análise referente as Condições de Produção, Formação Discursiva e Interdiscorso e também estudamos o tópico discurso do telejornalismo que faz uma ponte para a metodologia. Este capítulo é importante para entendermos como se dá a construção dos sentidos e como esses se relacionam com a posição ocupada pelo sujeito em um momento sócio histórico. Como o nosso foco é o discurso do JN, esse capítulo nos ajudará a entender o posicionamento do telejornal nas coberturas desse conflito.

O terceiro e último capítulo se originou pela construção das análises feitas a partir das coletas e transcrições das matérias. Também estão inseridos à descrição da metodologia utilizada na pesquisa, ou seja, os métodos e técnicas empregados nela. O nosso objetivo se deu por descobrir o discurso sustentado pelo Jornal Nacional nessa ação da polícia contra o tráfico.

CAPÍTULO I – JORNALISMO EM REDE TELEVISIVA

1.1 A Chegada da Televisão no Brasil

A ideia de trabalhar com imagens está ligada a história da civilização. Já nos tempos primitivos, o homem deixava suas impressões em forma de desenhos para que gerações posteriores pudessem aprender ou os reverenciar. Com o desenvolvimento das técnicas, a pintura passou a reproduzir quase em tom fiel as imagens de sua época. A fotografia fez com que a realidade fosse impressa com um tom maior de fidelidade. Os retoques, os ângulos, a luz, influenciavam e ainda influenciam no resultado final. O cinema deu vida aos quadros parados e ficamos mais próximos da reprodução da realidade. Mas, por outro lado, também nos proporcionou ilusões que se tornavam possíveis diante de nossos olhos, através de efeitos.

A televisão também herdou algumas características do cinema, contudo sua proximidade com o tempo presente, sua praticidade de estar dentro de um lar, deram possibilidades a tornar esse, o meio mais poderoso de transmissão de informações, ideias e ideais. No Brasil, a televisão começou a ser utilizada em maior escala a partir da década de 50, trazida por Assis Chateaubriand¹, tornou-se o centro das atenções dos lares. Desde então a televisão cresceu no país e passou a representar um fator importante na cultura popular moderna da sociedade brasileira.

Ainda hoje a televisão continua sendo a principal ferramenta de transmissão de informação verídica. Apesar da internet ter se tornado o meio mais veloz de informação e sempre utilizarmos como forma de verificar um acontecimento mais rápido, nem todas as fontes são confiáveis. Ficamos sempre a espera daquele telejornal da tarde ou da noite para confirmar os fatos, dando mais credibilidade às notícias produzidas por uma equipe jornalística voltada a TV. Na Internet, claro, os textos podem ser alterados minuto a minuto, e uma informação falsa ou pouco precisa pode ser corrigida tão logo o jornalista identifique o erro ou a imprecisão. Mas é bem verdade que a atualização de uma informação errada não pode consertar o possível impacto que ela pode gerar.

¹ Jornalista, empresário e político. Um dos homens mais influentes das décadas de 1930 a 1960. Dono dos Diários Associados, que foi o maior conglomerado de mídia da América Latina. Também responsável pela chegada da televisão no Brasil, com a TV Tupi em 1950.

A TV é um veículo de comunicação que apresenta condições técnicas, artísticas, comerciais e socioeducativas de grande influência nas manifestações sociais e presente em todos os contextos econômicos. Não podemos dizer que a televisão não cumpre seu papel social de transmitir a informação com responsabilidade, cumpre e às vezes mais eficiente que qualquer outro, mas quando está em jogo interesses políticos e comerciais, ela consegue modificar os fatos na opinião popular. No tempo em que a televisão era a grande novidade da época, Mamberti fala exatamente dessa manipulação de opiniões, onde reina um jogo de interesses e só se transmite o que for conveniente.

Mas o que me parece incontestável é que a televisão veio para ficar e alterou substancialmente as relações de convivência do mundo contemporâneo, estabelecendo sem dúvida nenhuma uma verdadeira revolução dos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, transformou-se no mais poderoso instrumento de dominação e de manipulação da opinião pública. [...]. (1991, p. 229).

Em 18 de setembro de 1950 foi fundado o primeiro canal de televisão no país, a TV Tupi, canal 3 de São Paulo. Pouco tempo depois, em janeiro de 1951, Assis Chateaubriand inaugura a TV Tupi do Rio de Janeiro (canal 6). Os dois canais, operavam de forma independente um do outro, pois não havia na época satélite nem torres de transmissão ou videoteipe², sendo a programação de cada canal transmitida ao vivo. A TV Tupi também foi a primeira a produzir e veicular um telejornal no Brasil. *Imagens do Dia* foi ao ar em 19 de setembro sem horário fixo, geralmente sendo exibido às 21:30 ou 22:00. As matérias eram filmadas com película de 16 milímetros e muitas vezes tinham de ser revelados e levados de avião para São Paulo ou Rio de Janeiro, quase sempre chegando em cima da hora.

Os primeiros anos da TV no Brasil foram marcados pela aprendizagem, com improvisos ao vivo. O alto custo do aparelho televisor - que era importado - restringia o seu acesso às classes mais abastadas. Os recursos técnicos eram primários, dispondo as emissoras apenas do suficiente para manter as estações no ar. Naquela época a população brasileira era radiofônica, até o ano de 1960, a rádio tinha uma programação complexa. Era costume nacional toda a família sentar-se ao redor dos seus aparelhos de rádio para ouvirem as notícias de todo o país, as

² Equipamento que gravava imagens que seriam transmitidas posteriormente.

radionovelas ou as músicas da moda. Os artistas das rádios tinham muito prestígio e recebiam bons salários. Mesmo assim, Chateaubriand conseguiu vender um ano de espaço publicitário para algumas empresas.

Fazendo uma comparação, segundo o censo do IBGE³, entre 2000 e 2010 o número de domicílios com aparelhos de televisão cresceu em 12%, já que a última pesquisa aponta 85% em 2000 e 97% em 2010. Se fizermos uma análise de cada dez anos, podemos dizer que em meados dos anos 50 mais ou menos 30% dos lares tinham aparelho televisor em casa. Mais para menos do que para mais, já que na época a TV era um artigo de luxo. Um número não muito significativo para o tamanho da população brasileira. No mesmo período em que o número de televisores aumenta, a presença de aparelhos convencionais de rádio caiu de 87,45% para 81,4% do total. Uma diferença de 6,5 % a menos, o que aponta que em 1960 esse número era bem maior.

A TV passou a ter suas inovações a partir dos anos 60 com a evolução técnica, o videoteipe chega finalmente às emissoras brasileiras, trazido pela TV Continental canal 9 do Rio de Janeiro, permitindo que os erros ao vivo fossem previamente corrigidos, que um programa pudesse ser gravado num horário diferente do horário de sua exibição, e ainda que o mesmo programa pudesse ser reprisado diversas vezes. A implantação das transmissões via satélite é um marco importante da história da tecnologia da TV. Lançado em 1962, o satélite de comunicação Telstar I permitiu a primeira transmissão em caráter experimental entre os Estados Unidos e a Europa. Sobre isso afirma Vera Íris Paternostro (2006, p. 26):

[...]. O desenvolvimento de altas tecnologias nas telecomunicações é ininterrupto, e esse avanço, permanentemente associado ao jornalismo, o transforma a todo instante. Com a integração dos sistemas de satélite de comunicação, o mundo da informação evoluiu tanto que passou a ser muito simples, fácil mesmo, acompanhar algo que acontece do outro lado do planeta no momento exato em que está acontecendo

Até pouco tempo atrás, os satélites eram dispositivos exóticos e ultrassecretos. Foram usados primeiramente para fins militares, para atividades

³ O resultado desta pesquisa foi formulado a partir de um cálculo baseado nos apêndices 1 e 2 do livro Rede Imaginária: televisão e democracia (1999, p. 309 e 311) e também no site da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV - ABERT. Verificar em: <http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/18076-ibge-divulga-dadosestatisticos-de-radio-e-tv>

como navegação e espionagem.⁴ Agora eles são uma parte essencial de nosso dia-a-dia. Podemos ver e reconhecer seu uso em relatórios meteorológicos, transmissão de televisão via satélite e chamadas de telefone diárias. A transmissão via satélite tornou-se, desde a sua criação, a maior evolução do homem no quesito comunicação. Através dela foram possíveis vários progressos, dentre eles e com destaque a área das geociências, as telecomunicações e o transporte aéreo. Isto melhorou substancialmente a segurança e o desenvolvimento mundial.

Em muitas áreas do mundo as operadoras de TV por satélite oferecem uma grande variedade de canais e serviços, muitas vezes em áreas que não são servidos por provedores terrestres ou a cabo. Os provedores de TV por satélite obtêm a programação de duas fontes principais: os canais permanentes nacionais (como HBO, ESPN E CNN) e diversos canais locais (os afiliados da NBC, CBS, ABC, PBS e Fox em uma área em particular). A maioria dos canais permanentes também oferece programação para televisão a cabo, e os canais locais tipicamente transmitem sua programação por radiodifusão.

E mesmo assim, as transmissões ainda eram em preto e branco, sem cores. Situação que foi alterada em 1954 no EUA, quando a rede NBC conseguiu realizar as primeiras transmissões públicas em cores, ao utilizar um sistema compatível com os antigos aparelhos preto e branco. As transmissões de TV em cores, no Brasil, começaram efetivamente em 1972, pela TV Difusora de Porto Alegre. O primeiro evento a ser transmitido foi a “Festa da Uva” de Caxias do Sul. Hoje, a variedade de aparelhos, emissoras e qualidade de sinal foram aperfeiçoadas com os estudos científicos, proporcionando sinais de alta qualidade e de nitidez de imagens, que percorrem o mundo através de uma vasta rede de satélites posicionados em volta da Terra.

A televisão não é diferente dos outros meios de comunicação em massa e segue a tendência mundial do movimento de digitalização. Passando por um lento processo de substituição de suas plataformas analógicas por plataformas e tecnologias digitais, já que envolve todo um processo de trocas de aparelhos e instalações de sinais. As características dessa tecnologia, como a interatividade, a multiprogramação e a qualidade de definição de imagem, permitem uma maior qualidade de vídeo e áudio, além do aumento de ofertas de programas televisivos. A

⁴ Verificar informação em: www.hughes.com.br/artigos/como-funcionam-os-satelites.

televisão digital interativa diferentemente da analógica, herda o conceito de comunicação bidirecional, criando a possibilidade de uma interação do usuário com a informação que está sendo exibida, permitindo-o ter melhor escolha e controle da experiência de assistir televisão. Por isso, a televisão digital interativa é considerada uma revolução.

Entenda-se que essa não é apenas uma revolução tecnológica, mas também uma revolução social, à medida que o usuário pode disseminar sua opinião e modificar as informações transmitidas. Com a TV digital será possível desvincular-se da programação normal, baseada no entretenimento, trabalho, negócios e educação. Sobre isto afirma Partenostro (2006, p. 61): “o desenvolvimento da TV digital brasileira representa um caminho para que todos possam ter uma televisão com tecnologia de ponta”. A TV Digital no Brasil teve sua estreia oficial às 20:30 do dia 2 de dezembro de 2007, na cidade de São Paulo, após cerca de seis meses de transmissões experimentais.

A partir desse apanhado geral sobre a história da TV, podemos dizer que a televisão não entra apenas em nossas casas, ela entra em nossas vidas, determinando padrões de comportamento, despertando vontade de consumo, propondo temas para debates no cotidiano e, mais do que tudo isso, contando o que acontece no mundo. Mas ela não é apenas uma janela aberta que nos permite enxergar o que acontece lá fora. A TV nos instiga a reagir, amar ou odiar o que estamos fazendo, ela nos impulsiona a tomarmos partido, escolhermos uma posição, torcermos por um ou outro lado em qualquer disputa, desde as esportivas até as político-partidárias.

1.2 Breve Histórico do Telejornalismo no Brasil

A história dos noticiários audiovisuais se confunde com a da TV, pois a própria inauguração da televisão no Brasil foi pauta para a primeira transmissão telejornalística da época. No dia seguinte ao da inauguração, 19 de setembro de 1950, a TV Tupi transmite o primeiro telejornal do Brasil, o “Imagens do Dia”, que mostrava imagens brutas (sem edição) dos acontecimentos daquele dia. Com comando de Maurício Loureiro Gama, o telejornal durava o tempo que fosse necessário para a transmissão de todos os fatos e imagens.

No início de sua história, a linguagem do telejornal era mais próxima à do rádio. As frases eram longas e traziam muitos detalhes sobre os assuntos enfocados. A maioria dos primeiros apresentadores de telejornais veio do rádio para se consagrar junto ao público telespectador. A exemplo, O “Repórter Esso”, no início, o telejornal apresentava as notícias no formato do programa de rádio que originou a sua criação. Como os profissionais não estavam ambientados com a televisão e os equipamentos para gravar e transmitir imagens boas eram raros, o telejornal não era interessante em seu começo. Isso porque era composto basicamente de textos e com poucas imagens.

Por ausência de recursos técnicos, faltava cobertura externa e o “ao vivo”, direto do estúdio, ocupava quase todo o tempo dos noticiários. Os programas eram, em geral, elaborados e apresentados por profissionais oriundos do rádio, o que ajudava a evidenciar duas fortes características do início da TV brasileira: a herança radiofônica e a subordinação dos programas a interesses dos patrocinadores. Perfeito exemplo disso é o próprio Repórter Esso, que estampava no título a influência de seu anunciante (REZENDE, 2000, p. 105-106).

Os primeiros telejornais da década de 1950, eram precariamente produzidos e carentes de qualidade, uma vez que tecnologias ligadas à TV mal chegavam ao país, e a inexperiência dos primeiros profissionais, procedentes do rádio, era comum. Segundo Rezende (2000), os jornais eram feitos basicamente de notícias direto do estúdio, devido às dificuldades em se fazer coberturas externas. Em termos visuais, todos eram semelhantes: cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador.

Na década de 60, a TV se consolida no Brasil, e o telejornalismo começa a avançar. Os locutores perderam a força no telejornalismo porque os novos formatos exigiam mais do que vozes bonitas. Para o telejornalismo brasileiro, a presença de jornalistas no comando dos programas foi determinante para impor um novo estilo de apresentar as notícias para o público. A chegada do videotape permitiu que as emissoras colocassem dinamismo em seus telejornais, assim chegavam ao público com linhas mais interessantes e completas. Com isso a notícia ganhou um novo formato.

Entre as novidades introduzidas na concepção de telejornalismo estava a participação de jornalistas como produtores e apresentadores das notícias. Rezende (2000, p.107), relata que o símbolo da mudança foi o “Jornal de Vanguarda”, na TV

Excelsior. “A qualidade jornalística desse noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e apresentação distintas de todos os demais informativos, além do prestígio no Brasil, obteve reconhecimento no exterior”. O “Jornal de Vanguarda” chegou a ser premiado, na Espanha, em 1963, como o melhor telejornal do mundo.

Daquela data até hoje, o telejornalismo foi conquistando o público brasileiro e se adequando às novas tecnologias e às necessidades do público-alvo. As pessoas estão cada vez mais habituadas com a televisão, graças aos esquemas de atuação rápida, segura e eficiente de cada emissora. As informações pela televisão devem ser planejadas, obtidas, selecionadas, redigidas e editadas por técnicos em cada uma dessas especialidades. Um telejornal precisa ser comprometido com o público, não apenas para ganhar a sua audiência todos os dias, mas também a sua confiança. A eficiência básica da produção é saber fazer um telejornal informativo, leve e direto.

Na velocidade das mudanças na história e na tecnologia, os profissionais do telejornalismo precisam caminhar rápido para não perder de vista as novas tendências dos meios de comunicação de massa. Para Cunha (1990, pág. 56), o telejornalismo incube-se de colocar o homem como fruto do fato social, em contato direto e instantâneo com a realidade manifesta do mundo como tal.

[...]. Veículo educador e civilizador, relacionado com o cotidiano e dirigido a uma audiência eminentemente doméstica e exigente, que nele busca o máximo de informações e mensagens em um mínimo de tempo, o telejornalismo pertence a uma época marcadamente dinâmica, febril e imediatista. Tem ele, com a colaboração de todos os recursos tecnológicos, a obrigatoriedade de ser amplo e rápido.

Atualmente o telejornalismo passa por mudanças em suas narrativas, formatos e produções a fim de atrair o público, arrebatado pelas novas tecnologias digitais e processos comunicativos mais participativos. Hoje, os conteúdos dos telejornais estão nas páginas da internet. É outro espaço de aproximação do público com as notícias. A linguagem de ambos ainda é a mesma. O telejornalismo na Internet é uma cópia da TV convencional, isso só vai mudar com inovações tecnológicas que impliquem em mudanças de linguagens. Claro que é preciso levar em consideração que ainda não há uma linguagem padrão, nem um formato consolidado para o telejornalismo online. Estamos lidando com um campo em formação.

1.3 Telejornalismo na GLOBO

Fundada em abril de 1965 pelo jornalista Roberto Marinho, a TV Globo, foi o início da maior rede de televisão do Brasil. De acordo com o livro *Memória Globo* (2004) o empresário e fundador da emissora, dominava a arte de se fazer um jornal – televisão reconhecia humildemente, ele não entendia. Numa viagem aos Estados Unidos na década de 1950, o Marinho tinha assistido televisão em rede e desde então este se tornara o seu objetivo.

Portadora da missão de integração nacional, uma das prioridades do Estado na década de 1970, a emissora de Roberto Marinho crescia, investia, tinha pessoal com talento artístico e competência empresarial, e assumia o jugo confiado pelo governo, como revelam as próprias palavras de seu fundador:

Procuramos fazer com que ela seja, de fato, um poderoso instrumento de consolidação da unidade nacional. Atingindo praticamente todo o território nacional, acredito ser evidente a contribuição da Rede Globo para a intensificação da difusão e do intercâmbio daqueles conceitos e dados de natureza cultural, social e moral – sem falar na informação pura e simples – que constituem a base do desenvolvimento nacional em todos os campos e em todos os níveis. (MARINHO apud SILVA, 1985, p. 32).

No mesmo dia da inauguração da TV Globo, foi ao ar o *Tele Globo*, noticiário de meia hora de duração. Era exibido em duas edições: uma às 12h e outra às 19h. Mais tarde, passou a ter edição única, às 13h. O departamento funcionava em apenas uma sala, na sede da emissora, no Jardim Botânico - RJ. Em janeiro de 1966, depois de Walter Clark ter assumido a direção geral da emissora, o Rio de Janeiro sofre uma das piores enchentes da sua história. Cinco dias de temporal resultaram em 100 mortos e 20 mil desabrigados. A Globo não se limitou a mostrar os fatos, as equipes foram para as ruas portando Câmeras Auricom⁵ e captando as imagens da tragédia. Os estúdios do Jardim Botânico foram transformados em central de recolhimento e de doação para os desabrigados. Ao se transformar na voz que lutava pela recuperação da cidade, a emissora conquistou de vez a simpatia dos cariocas. Silva acrescenta:

A cobertura das enchentes conquistou o Rio de Janeiro. A *Excelsior* definhava e a Globo aproveitava o espaço vazio para conquistar

⁵ Câmeras de cinema fabricados na década de 1940 até o início dos anos 1980.

audiência com nomes de artistas veteranos e conhecidos: Chacrinha, Raul Longras, Jacinto Figueira Jr., Dercy Gonçalves, Flávio Cavalcanti, num esquema de “lbope a qualquer preço” que a TV-S tentaria novamente a partir de 1981 para combater a própria Globo. (SILVA, 1985, p. 31).

A mudança no jornalismo da TV globo veio em setembro de 1966, quando Armando Nogueira assumiu a direção do departamento e começou a ampliá-lo com mais equipamentos e investir em jovens profissionais. Nessa mesma época, surgiu outro telejornal, o Ultranotícias, também com duas edições, passando a ter edição única. Porém, o telejornal era produzido pela agência de publicidade *McCann Erickson* - e havia muitas interferências na sua elaboração. O diretor de jornalismo acabou com esse tipo de interferência. Em março de 1967, pôs fim ao Ultranotícias e criou o Jornal da Globo, que em agosto de 1969 saiu do ar, dando lugar ao Jornal Nacional.

Em 28 de fevereiro de 1969, a Embratel inaugurou, no município fluminense de Itaboraí, a Estação Terrena de Comunicação Via Satélite. Dois dias antes da inauguração, o jornal O Globo anunciava o lançamento da *Apolo 9*. A missão era o módulo de exploração que permitiria o envio de astronautas à lua. O voo foi adiado por problemas técnicos, mas nem por isso a estação Embratel deixou de ser inaugurada. Finalmente no dia 03 de março, direto de Cabo Kennedy, por volta de uma hora da tarde, a Estação de Itaboraí assumiu a recepção direta do satélite Intelsat III e exibiu o lançamento da nave.

No dia 20 de julho de 1969, cerca de um mês antes da estreia do JN, a nave norte-americana *Apolo 11* cumpriu a missão mais importante da corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética, iniciada nos anos 1950. Mais de 600 milhões de pessoas no mundo inteiro assistiam ao espetáculo, ao vivo, pela TV. A *Apolo 11* tinha entrado na órbita da Lua no dia anterior. O repórter Hilton Gomes narrou a chegada dos astronautas direto dos estúdios da TV Globo, no Jardim Botânico. A perfeição das imagens na transmissão foi tal que levou alguns telespectadores a duvidar de que o homem tivesse realmente pisado na Lua.

No mesmo tempo em que a Rede Globo ganhava audiência com coberturas inéditas, a TV Tupi perdia a qualidade. Em 16 de julho de 1980, devido aos vários problemas administrativos e financeiros, a concessão foi cassada pelo governo brasileiro. Outras 6 emissoras que formavam a rede também saíram do ar. Enquanto isso a TV Globo crescia, já não se intimidava pela concorrência, ganhava, assim, a

confiança dos telespectadores brasileiros, tanto em termos tecnológicos, quanto na qualidade de coberturas. Sobre a Globo, Silva explica:

Com liderança de audiência consolidada, assistindo de camarote à degradingolada da Tupi e usufruindo dos benefícios da tecnologia de comunicações cada vez mais sofisticada de que dispunha o País (estação rastreadora de satélites, que deu à Globo a chance de incorporar-se à rede mundial que transmitiu a chegada do homem à Lua em 1969 e lhe garantiu picos extraordinários de audiência; sistema de TV a cores, inaugurado em 1972 e logo aproveitado pela Globo que produziu a primeira telenovela colorida em 1973), pôde dar-se ao luxo de passar a ter veleidades artísticas e de impor o “padrão Globo de qualidade”. Abandonou um a um os ídolos popularescos que lhe haviam garantido os primeiros ibopes. O último a sair foi Silvio Santos, em 1976. (SILVA, 1985, p. 32).

A emissora foi criada com base em um modelo americano de televisão, mas ao longo do seu desenvolvimento construiu um estilo original que sempre buscou adaptar-se ao gosto da população brasileira. Apesar de não estar na história como a “criadora” do telejornalismo brasileiro, a Globo acabou ditando as regras de como fazer o telejornalismo. A emissora ligou o texto à imagem, e traduziu nos telejornais um formato mais interessante para o público. Nessa adequação, o fator principal foi que a emissora introduziu as modificações sem improvisos. Outro ponto fundamental para a ascensão da Rede Globo refere-se aos horários rígidos para a exibição dos seus programas.

Atualmente, a Rede Globo de Televisão, canal onde é exibido o nosso objeto de análise, apresenta diariamente na sua grade de programação, com exceção de domingo, quatro telejornais: Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, JN e Jornal da Globo. O Jornal Nacional, há 47 anos no ar, é o telejornal mais antigo, de maior audiência do país e o que possui maior abrangência de temas da emissora.

1.4 JN, o Primeiro Nacional

Os anos 60 foram decisivos na evolução da informação. A tecnologia dos satélites aproxima os povos das regiões mais distantes. Em 1965 dois fatos garantiriam esse processo: a inauguração da TV Globo em abril e a criação da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) em setembro. Esse seria um passo enorme para a ideia de um programa nacional sair do papel. O telejornal era projeto de Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

[...]. Os militares queriam mostrar que o Brasil era um país de primeiro mundo e montaram a Embratel. Nós imaginamos que a primeira utilização óbvia dos enlaces de microondas seria o jornalismo, e começamos a pensar num programa nacional. A primeira pessoa que nos incentivou foi José Ulisses Alvarez Arce, diretor comercial. Ele disse que seria um prato cheio para os clientes'. Havia um interesse comercial muito grande e, paralelamente, pensávamos que seria um primeiro serviço que a televisão prestaria, dando um passo além do simples entretenimento. (BONI apud GLOBO, 2004, p. 28).

Em março de 1969, no entanto, a Embratel inaugurou o Tronco Sul, Rota Terrestre de sinais de TV que permitiu, por um sistema de microondas, a integração de Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. Essa rede proporcionou a TV Globo, principalmente, a capacidade técnica de colocar no ar o primeiro programa verdadeiramente de alcance nacional. Para isso, Walter Clark e Boni tiveram o apoio essencial de Roberto Marinho, que delegou aos dois a execução do projeto. “Sendo eu jornalista, é com orgulho que constato ser o Jornal Nacional uma das estrelas da nossa programação” (MARINHO apud GLOBO, 2004, p. 384).

A TV Globo preparava-se para atuar em rede. E o programa que encabeçava a novidade à época era o Jornal Nacional. No ar em setembro de 1969, foi transmitido simultaneamente e ao vivo para seis cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília, graças ao sistema de satélite construído com verba arrecadada pelo Fundo Nacional de Telecomunicações. Com o sinal vindo do Rio de Janeiro, o jornal chegava aos televisores de brasileiros em todos os cantos do país.

Hilton Gomes e Cid Moreira formaram a primeira dupla do jornal. Na estreia, Hilton Gomes disse: “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias interagindo o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país”. Ao final do noticiário, Cid Moreira concluiu: “É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite”. (GLOBO, 2004, p. 24). O JN se transformou no mais importante noticiário brasileiro, alcançando altos índices de audiência.

A escolha do nome, Jornal Nacional, surgiu naturalmente, pois seria um programa jornalístico para alcançar todo o país. Por algum tempo, o JN foi patrocinado pelo Banco Nacional de Minas Gerais, no entanto, pensou-se que o nome tinha sido adotado em função do patrocínio. Com o tempo, o Jornal Nacional conseguiu se desvincular totalmente, o banco não conseguiu se apropriar dele.

No início o Jornal Nacional tinha apenas 15 minutos de duração, divididos em três partes: local, nacional e internacional. Para se diferenciar do modelo consagrado

pelo Repórter Esso, que sempre terminava com a notícia mais impactante do dia, o JN concluía o noticiário com informações leves, de conteúdo lírico ou pitoresco. O Jornal Nacional, lançado para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi, em pouco tempo se tornaria campeão de audiência.

O Jornal Nacional apresentou novidades ao cenário telejornalístico, por exemplo, ao exibir as falas dos entrevistados, uma vez que seu principal concorrente, o Repórter Esso, não tinha som direto. Mas, pelos conteúdos abordados e a forma como eram apresentados, além da estreita ligação com o Regime Militar, o JN foi alvo de críticas. Portanto, na época da Ditadura Militar, nos anos 1960, havia a necessidade do cuidado no uso das palavras, uma vez que as questões políticas poderiam influenciar positiva ou negativamente para os telejornais e suas emissoras.

[...]. À medida que sua audiência aumentava, o Jornal Nacional era cada vez mais visado. Foram vários os assuntos proibidos ao longo dos anos 1970, como o discurso do papa Paulo VI sobre os dez anos da encíclica *Populorum progressio* e a missa de sétimo dia do ex-presidente João Goulart. Também foram vetadas notícias sobre cassações de mandatos e suspensão de direitos políticos; a denúncia de acordos militares entre Brasil e EUA; a visita da Anistia internacional; e o afastamento do general Silvío Frota do Ministério do Exército. (GLOBO, 2004, p. 35).

Qualquer assunto podia ser alvo da censura. Quando alguém se atrevia a ultrapassar a linha da ditadura, apresentando notícias “inconvenientes”, estava sujeito ao risco de perder o direito de transmissão de telejornais. Quando os repórteres eram punidos sempre que ultrapassavam o limite do “poder” e incomodavam os militares. A repressão fez com que muitos profissionais da área do jornalismo abandonassem a carreira para sobreviver à censura e às punições. “A censura é dolorosa como uma doença, suporta-se porque há sempre esperança e instinto de sobrevivência”. (NOGUEIRA apud GLOBO, 2004, p. 38).

Em contrapartida, existia na Rede Globo a omissão e aceitação da ditadura. Havia naquela época, um “contrato de assistência técnica” entre a Globo e o grupo norte-americano Time-Life, efetivado a partir de 1965 - mesmo sendo considerado ilegal, pois esse acordo feria o artigo 160 da Constituição brasileira, que proibia a participação de capital estrangeiro na gestão ou propriedade de empresas de comunicação – através do qual a emissora recebeu 5 milhões de dólares, além de pessoal especializado e equipamentos sofisticados. De outro lado havia a decadência e cassação da concessão da TV Excelsior, que caiu em desgraça após

o golpe militar de 1964. Enquanto o escândalo Time-Life ganhava grande repercussão nos jornais e nas casas legislativas, a Globo tratava de ganhar audiência. Silva (1985, p. 32), explica:

A identificação entre o regime militar e a Globo era indisfarçável. A Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados que investigou o caso Time-Life aprovou por unanimidade o parecer do relator, deputado Djalma Marinho, segundo o qual os acordos entre a Globo e o grupo infringiram o artigo 196 da Constituição da República. Mas o procurador-geral da República e o presidente Castello Branco, em março de 1967, decidiram que a operação havia sido legal, o que seria referendado em 1968 pelo presidente Costa e Silva. No ano seguinte, 1969, o Time-Life retirava-se da Globo, que a essa altura, já se preparava para ser rede nacional, o que se tornara possível com a expansão e modernização dos serviços de telecomunicações através de sofisticada rede de microondas construído pelo dinheiro arrecadado pelo Fundo Nacional de Telecomunicações e gerenciado pela recém-criada EMBRATEL (de 1965) e pelo Ministério das Comunicações (que surgiu em 1967).

O Regime militar foi o período da política brasileira em que militares conduziram o país. Essa época ficou marcada na história do Brasil através da prática de vários Atos Institucionais que colocavam em prática a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar. A Ditadura Militar no Brasil teve seu início com o Golpe Militar de 31 de março de 1964, resultando no afastamento do Presidente da República, João Goulart, e tomando o poder o Marechal Castelo Branco. Este golpe de estado, caracterizado por personagens afinados como uma revolução instituiu no país uma ditadura militar, que durou até a eleição de Tancredo Neves em 1985.

Os trabalhadores estiveram entre os mais atingidos pela ditadura. Além dos líderes presos, quatrocentos sindicatos sofreram intervenções. No campo, as Ligas Camponesas foram colocadas na ilegalidade. Francisco Julião, seu principal líder, foi preso e teve os seus direitos políticos cassados por dez anos. (ARRUDA & PILETTI 2004, p. 424).

Os militares na época justificaram o golpe, sob a alegação de que havia uma ameaça comunista no país. O Golpe Militar marca uma série de eventos ocorridos no Brasil. A liberdade de expressão e de organização era quase inexistente. Com a decadência da Ditadura Militar, a partir dos anos 80, a TV foi ganhando cada vez mais espaço e se consolidando como o veículo de comunicação com forte apelo junto ao público. Na medida em que os avanços tecnológicos eram introduzidos nas

emissoras, o telejornal ganhava mais atrativos para conquistar a audiência e a fidelidade dos telespectadores. Sobre isto Silva (1985, p. 40) acrescenta que:

O clima de maior liberdade que o País passou a viver de 1979 para cá e a expressão de sentimentos de oposição ao regime cada vez mais claramente majoritários no conjunto da população brasileira, alteraram a qualidade das relações internas no Jornal Nacional, o que levou a uma alteração, ainda que leve, de seu conteúdo o que, por sua vez, ajuda a ampliar as contradições na sociedade.

Ao longo de sua história, o JN foi submetido a várias transformações como modernização do cenário, inovação nas vinhetas e mudanças de apresentadores. O Jornal Nacional inaugurou um novo estilo de jornalismo na TV brasileira, deu maior espaço às edições de notícia locais e suprimiu quase todo controle interno sobre elas. Atualmente apresentado pelos jornalistas Renata Vasconcellos e William Bonner, o telejornal exibe, na maior parte das edições, matérias informativas sobre o que aconteceu durante o dia no Brasil e no mundo. É exibido a partir das 20:15h até as 21h.

CAPÍTULO II – ANÁLISE DO DISCURSO: SUJEITO E SENTIDO

Para entendermos o funcionamento do discurso é preciso, primeiramente, compreender as construções ideológicas presentes nele. A ideologia está intimamente ligada ao discurso; um não existe sem o outro. Portanto, iremos estudar os conceitos e a noção da ideologia como ponto de partida para o desenvolvimento da análise.

Dando um novo suporte teórico para a ideologia, a Análise do Discurso é um estudo no campo da linguística que pode ser usado na comunicação, consiste em interpretar a estrutura de um texto. O discurso em si é uma construção linguística atrelada ao materialismo histórico no qual o texto é desenvolvido. Mais que uma análise textual, a análise do discurso é uma análise da estrutura discursiva em questão.

Ideologia é um termo que possui diferentes significados. No senso comum é tido como algo ideal, contendo o sentido de conjunto de ideias, de pensamentos, de doutrinas ou de visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e principalmente, políticas. Diversos autores utilizam o termo sob uma concepção crítica, considerando que ideologia pode ser um instrumento de dominação que age por meio de convencimento. No entanto, vamos trabalhar essa noção em Louis Althusser baseado em seus estudos no ano de 1974, onde indica que tudo em nossa volta é regido pela Ideologia.

O que o indivíduo pensa e as coisas nas quais ele acredita são marcados pela sua condição material de produção e existência, ou seja, pela realidade, pela experiência material na qual ele vive. Essa vivência marcará seu olhar sobre o mundo. Uma pessoa que nasce e é criada em uma comunidade no subúrbio do Rio de Janeiro terá uma noção de mundo muito diferente de outra que nasça e cresça na Zona Sul da cidade, simplesmente, porque a maneira como desfrutam a experiência de viver acontece em realidades sociais, econômicas e culturais completamente diversas. “A ideologia é um sistema de ideias e representações que domina a mente de um homem ou de um grupo social”. (MARX apud ALTHUSSER 1974, p. 123).

2.1 Noção de Ideologia em Althusser

O autor pressupõe um corte epistemológico em relação aos escritos de Marx da Juventude, considerando ser este um pensamento de concepção positivista – historicista, retirando a noção da determinação econômica, uma vez que acredita ser a ideologia uma instância indispensável em toda e qualquer sociedade. Dessa forma, Althusser estabelece uma clara distinção entre a ideologia e a ciência. Nesse contexto, temos uma dicotomia: de um lado representada pela apropriação imaginária da realidade, manifestada através da Ideologia e de outro o efetivo conhecimento da realidade através da ciência, propondo a partir dessa noção o anti-humanismo teórico.

Ainda, analisando as obras de Marx e Engels, o autor discorda acerca da concepção dada à ideologia como “falsa consciência” que mascara as condições reais de existência e dominação de classe, defendendo para tanto o caráter do “Inconsciente” na definição desse conceito. Para Althusser, a Ideologia consiste em um sistema dotado de uma lógica e de rigor próprios de representação (imagens, mitos, ideias, conceitos etc.) que possuem existência e um papel histórico no seio de dada sociedade, sendo que, se adotada a tese anterior teríamos um desconhecimento do funcionamento mesmo da estrutura social.

Em sua teoria geral, seria na Ideologia que os homens representam o mundo para si mesmos, um mundo marcado pela intervenção humana. O que é nele representado é sua relação com as condições reais de existência. É esta relação que está no centro de toda representação ideológica. Os indivíduos pouco compreendem o quão material é a relação deles com o real.

Segundo o autor, reproduzir as condições de produção significa reproduzir as forças produtivas e as relações de produção existentes e, nesse contexto, a força de trabalho reproduz-se acerca da divisão social em seus diferentes papéis. Note-se que a reprodução da força de trabalho (forças produtivas) se dá através do salário, meio material alcançado ao trabalhador pelo serviço prestado ao capitalista. O salário é indispensável à reprodução material da vida do trabalhador, com alimento, vestuário, educação dos filhos, reproduzindo-se como força de trabalho, como mão-de-obra, peça na engrenagem capitalista.

Para Althusser (1974, p.107), o salário é um “capital aplicado em mão de obra”, mas não uma condição da reprodução material da força de trabalho. Embora,

seja assim que ele funciona, como forma de garantir que o assalariado torne a se apresentar no portão da fábrica no dia seguinte. Entretanto, existem outras necessidades que asseguram a reprodução da força de trabalho, tal como alguns direitos trabalhistas: férias, hora extra, feriados, vale transporte, vale alimentação, entre outros. Vai depender da necessidade histórica de cada classe trabalhadora. (Exemplo: os trabalhadores ingleses precisam de cerveja para trabalhar, enquanto os franceses precisam de vinho). Isto é, historicamente variável.

O Estado, segundo Althusser, funciona duplamente como um aparelho ideológico e como um poder de força repressiva. Configura-se como um instrumento que serve para assegurar os interesses da classe dominante, sobre a classe dominada: proletariado. Sendo assim, o Estado, que está a serviço da classe dominante, tem por objetivo garantir, por meio das ideias, da concepção de mundo, e/ou da força física, a sua permanência no poder. O Estado, representante da classe dominante, ditará as regras e as normas de convivência, o padrão, o dito “o bom sujeito e o mal sujeito”. Para Althusser, revisando a teoria marxista do Estado, a existência do Estado só tem sentido em função do poder de Estado. Por isso, toda a luta política de classes gira em torno do Estado e da detenção e conservação do seu poder.

Isso significa dizer que os Aparelhos do Estado no regime capitalista reproduzem a ideologia deste através do que se designe em teoria dos Aparelhos Repressivos de Estado (ARE) e Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Na teoria marxista, o repressivo sugere que o Aparelho de Estado em questão “funciona pela violência”, através do exército, polícia, tribunais, presídios etc., porém, a repressão administrativa pode assumir formas não físicas. Em contrapartida, segundo Althusser (1974, p.114,115), os ditos Aparelhos Ideológicos se dariam através das estruturas religiosas, escolares, familiares, jurídicos, políticos, sindicais, de informação e culturais, aplicando dessa forma a inconsciência relativa ao sujeito no processo material da ideologia.

Podemos dizer, portanto, que todo Aparelho de Estado, seja ele repressivo ou ideológico, “funciona” ao mesmo tempo pela violência e pela ideologia, porém não podemos confundi-los. O ARE funciona maciça e predominantemente pela repressão (inclusive física), e secundariamente pela ideologia. Por exemplo: a polícia, podendo agir de forma brutal numa ocasião de vandalismo, como também de forma pacífica aplicando uma multa por sinais de embriaguez no trânsito. Não

existe um aparelho puramente repressivo, ou puramente ideológico. Da mesma forma se dá o AIE, funciona maciça e predominantemente pela ideologia e secundariamente pela repressão. Um exemplo disso são os métodos de punição que as igrejas utilizam para disciplinar seus fiéis. O mesmo se aplica à família, às escolas, etc.

A Ideologia expressa então uma existência material já que seriam inseparáveis de práticas materiais definidas e distribuídas pelos Aparelhos de Ideologia do Estado. Nesse sentido, a função da ideologia consistiria em obter a obediência consentida, já que unicamente com a força e com medidas impositivas não conseguiria se manter, sendo, portanto, inseparáveis aos sistemas de instituições.

Para Althusser, todo aparelho ideológico concorre para um único fim: a reprodução das relações de produção, relações estas de exploração. Cada aparelho ideológico concorre para que esses objetivos sejam alcançados de uma maneira que lhe é própria, inclusive o aparelho de informação que é a nossa base de estudo nesse trabalho. Iremos analisar o discurso do Jornal Nacional e certificaremos que toda produção informacional é ideológica. Esta afirmação norteará as reflexões deste estudo. Juntamente e/ou de forma subjacente à linguagem, a ideologia aparece como elemento de construção de sentidos e apropriação de conteúdos no sentido de determinar as formas de pensamento, a formação da consciência e as atividades linguísticas (discursivas e pragmáticas).

Retomando o nosso raciocínio, na ideia dos Aparelhos ideológicos temos que estes efetivam e realizam historicamente a ideologia dominante sem se constituírem a sua totalidade em ato. A discussão está centrada na prática dos aparelhos em efetivarem a reprodução das classes dominantes, sendo que, inseridos em aparelhos de Estado, estariam corroborando com a dominação. A educação como um todo seria o Aparelho ideológico por excelência uma vez que abarcaria tanto o caráter ideológico como o caráter repressivo.

A intenção do autor reside em construir uma teoria da Ideologia de forma geral e não das várias ideologias particulares, que são, por definição, sempre posições de classe e têm suas bases na história dessas várias sociedades específicas. Nesse contexto, uma teoria das várias ideologias repousa, em última instância sobre a história das formações sociais e das lutas de classes que nelas se

desenvolvem e, a partir desse conceito fundamental elucidamos o caráter de a ideologia ter e não ter história. Sendo assim o autor esclarece que:

Por um lado, creio poder sustentar que as ideologias têm uma história própria (embora esta história seja determinada em última instância pela luta de classes); e, por outro lado, que a ideologia em geral não tem história, não num sentido negativo (a sua história está fora dela), mas num sentido absolutamente positivo. (ALTHUSSER, 1974, p.125).

Para Althusser a tese que a ideologia não tem história não deve ter um sentido negativo (a ideologia está fora dela), mas sim positivo. É positivo, pois o caráter próprio e específico da ideologia é ser dotada de uma estrutura e de um funcionamento tal que ela é uma realidade não histórica, no sentido que essa estrutura e funcionamento estão presentes sob uma mesma forma, imutável, na história inteira.

Isto significa dizer que a ideologia tem história em situações específicas, mas por outro lado não tem história, por que é eterna. Por exemplo, em outro século éramos escravos e fazíamos o que nos era ordenado, caso contrário seríamos açoitados. Hoje se não fizermos o que nos é ordenado numa empresa, não somos mais açoitados, apenas demitidos. Os tempos mudam, mas a ideologia permanece. Essa é a razão pela qual o autor afirma que a Ideologia não tem história, em sua forma geral.

Althusser apresenta o conceito de ideologia a partir de duas grandes teses: a imaginária e a material. A primeira refere-se à ideologia enquanto representação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência. São concepções de mundo, na maioria das vezes, sobre suas condições de existência, seja religiosas, morais, jurídicas ou políticas, pois não correspondem à realidade. Essa concepção ilusória parte de uma alusão da realidade. A segunda tese, busca defender a materialidade da ideologia. Assim, a ideologia não representa somente um sistema de (falsas) ideias que atuam somente na imaginação, na compreensão da realidade ou na representação do mundo. Ela tem, sobretudo, existência material, e é nessa existência material que Althusser enfoca seu estudo.

O autor demonstra que a ideologia não se reduz a simples imposição de ideias, ela se efetiva em práticas sociais inscritas em instituições concretas, reguladas por rituais no seio dos aparelhos ideológicos do Estado. Sistematiza as suas duas teses, afirmando que as práticas sociais só existem por meio da

ideologia, e a ideologia só existe para os sujeitos e por meio deles. Deste modo, toda ideologia tem por função (que a define) constituir os indivíduos concretos em sujeitos.

O indivíduo em questão porta-se de tal ou qual maneira, adota tais e tais comportamentos práticos e, mais importante, participa de algumas práticas submetidas a regras, que são as do aparelho ideológico de que “dependem” as ideias que ele, com plena consciência, livremente escolheu como sujeito. Se acredita em Deus, ele vai à igreja assistir à missa, ajoelha, reza, confessa-se, faz penitência e, naturalmente, arrepende-se, e continua etc. Se acredita no Dever, ele tem as atitudes correspondentes, inscritas em práticas rituais “de acordo com os princípios corretos”. Se acredita na justiça, submete-se sem discussão às normas do Direito e pode até protestar quando elas são violadas, assina petições, participar de manifestações etc. (ALTHUSSER, 1974, p. 129)

Devido a isso, Althusser (1974) critica a subestimação da materialidade e defende que as ideologias devem ser pensadas a partir de suas viabilizações reais: uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas, existência esta, sempre material. Os sujeitos humanos só existem materialmente, suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais. Estes rituais, por sua vez, são definidos pelo aparelho ideológico de Estado (AIE) material de onde provém as ideias do dito sujeito. A condição do sujeito resulta de um processo ideológico que dificultaria os indivíduos concretos a reconhecerem a materialidade da relação deles com o real. O sujeito (por ser sujeito), se sente capaz de representar fielmente a realidade, mas a representa, de fato, ideologicamente. É a ideologia que constitui o sujeito, portanto, toda ideologia teria como função primordial constituir indivíduos em sujeitos. O papel do sujeito parece evidente, mas, esta evidência é um efeito da própria Ideologia:

Você e eu somos sempre já sujeitos, e que, como tais, praticamos constantemente os rituais do reconhecimento ideológico, o qual nos garante que somos de fato sujeitos concretos, individuais, distinguíveis e (naturalmente) insubstituíveis. (ALTHUSSER, 1974, p.133).

O que o autor pretende com tais definições é justamente mostrar que a Ideologia sempre já interpelou os indivíduos como sujeitos. A Ideologia chama os sujeitos ao conhecimento e reconhecimento. Só há Ideologia pelo sujeito e para os sujeitos. Ou seja, a Ideologia existe para sujeitos concretos, e esta destinação da Ideologia só é possível pelo sujeito: isto é, pela categoria de sujeito e de seu

funcionamento. “Daí os indivíduos serem “abstratos” em relação aos sujeitos que eles sempre já são. Esta formulação talvez pareça paradoxal” (ALTHUSSER, 1974, p.134)

Consideremos, pois, a Ideologia religiosa cristã, que por sua vez se dirige aos indivíduos a fim de “transforma-los em sujeitos”. Tomamos como exemplo um Sujeito Absoluto, Único, Deus: [...] E o Senhor bradou a Moisés, “Moisés!” E Moisés respondeu: “Eis-me (realmente) aqui! Sou eu, Moisés, vosso servo, falai e escutarei!” E o Senhor falou a Moisés e lhe disse: “*Eu sou o que sou*” (ALTHUSSER, 1974, p.136).

Assim, Deus se define como Sujeito por excelência, aquele que é por si e para si (“Eu sou o que sou”) e interpela seus indivíduos em sujeitos cristãos.

Se o indivíduo não acredita em Deus, acredita nas leis, então é interpelado pelo sujeito da moral. Outro exemplo seria a Ideologia escolar, onde o Sujeito da Educação determina que o sujeito aluno tem que estudar e participar das aulas para poder passar de ano. Segundo Althusser (1974, p. 138), no sentido corrente do termo, sujeito efetivamente significa: (1) uma subjetividade livre, um centro de iniciativas, autor e responsável por seus atos; (2) um ser sujeitado, que se submete a uma autoridade superior e que, portanto, é desprovido de qualquer liberdade, exceto a de aceitar livremente sua submissão.

A partir dos apontamentos realizados podemos dizer que é a ideologia que realiza a mediação entre a estrutura e o sujeito, devendo ser ela entendida como um instrumento de análise às ações dos indivíduos em sociedade. Assim, estabelece um conceito diferenciado em relação ao determinismo economicista presente em muitos autores marxistas, sustentando a ideia de que a identificação subjetiva é reproduzida como ilusão que oculta ao indivíduo a sua posição na estrutura social.

Partindo da noção de Ideologia que, como já vimos anteriormente, é a efetivação de ideias em práticas, segundo os conceitos de Louis Althusser, nos utilizaremos em diante da teoria da escola francesa da Análise do Discurso de Michel Pêcheux.

2.2 Dispositivos de Análise

A Análise do Discurso (doravante AD) é uma disciplina que surgiu na França na década de 1960 e teve como seu precursor o estudioso Michel Pêcheux. É uma

área do conhecimento que entrelaça três vertentes distintas: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo histórico. A AD é um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens.

Como o próprio nome denuncia, o objeto de estudo da AD é o discurso. O conceito de discurso aqui é concebido como algo sócio histórico, pois considera primordial a relação da linguagem com a sua exterioridade. Neste contexto, a exterioridade refere-se às Condições de Produção do Discurso: o falante, o ouvinte, o contexto da enunciação assim como o contexto sócio histórico:

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessam. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2007, p. 15).

O discurso, assim, é tomado não como mero transmissor de informações, mas como o efeito de sentido entre os locutores, por meio do qual se faz a mediação entre o homem e sua realidade natural.

Dessa maneira, a AD não concebe a língua como algo abstrato, fechada em si mesma e ideologicamente neutra, mas sim na maneira que significa e está recoberta de significância. Para Orlandi (1986, p. 63) “[...] se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecidas por eles num contexto social e histórico”.

Assim, a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser compreendido não só em relação ao seu sistema interno, que exige dos seus usuários apenas uma competência específica, mas como forma de interação do homem com o seu meio. O discurso, pois, é indissociável do homem, já que, a linguagem é entendida como um sistema de interação entre locutores, por meio do qual se produzirá o efeito de sentido, a partir de objetos simbólicos, os quais revelarão que a linguagem não é transparente.

Para Pêcheux, o sujeito do discurso não se pertence, ele se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina: significação do fenômeno da interpelação do indivíduo em sujeito do seu próprio discurso. Lembramos aqui o conceito de formação discursiva (FD) como a relação de enunciados com regularidades, em

relação à linguagem, mobilizados em assuntos e posições ideológicas na produção do dizer.

O esquecimento pode configurar-se tanto como uma força que ameaça com seus apagamentos a existência da história quanto como uma força que possibilita a existência de qualquer representação humana. Em outras palavras, o esquecimento configura-se como uma brecha, ou uma fissura, cuja abertura tanto pode levar a memória a esvair-se como possibilita a instituição de qualquer memória social.

Pêcheux afirma que o sujeito é afetado por dois tipos de esquecimento. O esquecimento nº 1 é aquele em que o sujeito se coloca como origem de tudo o que diz. Esse esquecimento é de natureza inconsciente e ideológica: o sujeito procura rejeitar, apagar, de modo inconsciente, tudo o que não está inserido na sua formação discursiva, o que lhe dá a ilusão de ser o criador absoluto de seu discurso. O esquecimento nº 2, de caráter pré-consciente ou semiconsciente, o sujeito privilegia algumas formas e “apaga” outras, no momento em que seleciona determinados dizeres em detrimento de outros. Com o esquecimento nº 2, o sujeito tem a ilusão de que o que diz tem apenas um significado. Ele acredita que todo interlocutor captará suas intenções e suas mensagens da mesma forma. Os outros dizeres do discurso que determinam seu dizer não são percebidos pelo sujeito, assim como ele não pode ter controle total sobre os efeitos de sentido que seu dizer provoca, precisamente porque sentidos indesejáveis são irrompidos.

O sujeito é chamado à existência pela identificação com uma formação discursiva dominante, já que o sujeito é sobredeterminado pelos pré-construídos. Pêcheux chama esse fenômeno de efeito Münschausen⁶. O autor apropria-se da noção de Formação Discursiva, oriunda de Foucault, e a ressignifica no campo da análise de discurso. Para a AD o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia. O sujeito, na teoria discursiva, se constitui na relação com o Outro⁷, não sendo origem do sentido, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude.

A concepção de um sujeito marcado pela ideia do centro, da unidade, da fonte ou origem do sentido constitui uma ilusão necessária, na formação do sujeito, de acordo com Pêcheux, a fim de que o sujeito continue a produzir discurso. O

⁶ O efeito Münschausen ao qual Pêcheux se refere, é uma menção ao imortal Barão de Münschausen, personagem da cultura germânica que “se eleva nos ares puxando-se pelos próprios cabelos” (PÊCHEUX, p.157).

⁷ Esse “Outro” é o mesmo que o Sujeito.

sujeito como centro e origem do sentido passa a ser questionado, já que ele situa o seu discurso em relação aos discursos do Outro.

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (ORLANDI, 2007, p. 50).

Dessa maneira, o sujeito é afetado pelo inconsciente e pela ideologia e, o que determina o sentido de seu discurso são a historicidade e as Condições de Produção do discurso no qual o sujeito está imerso, logo ele [sujeito] não é dono do discurso que produz.

Para obter êxito em nossa pesquisa, é preciso compreender os dispositivos que compõem a teoria da Análise do Discurso. Para tanto, julgamos importante a abordagem de três noções básicas que ajudará na análise dos enunciados que serão tratados no último capítulo.

2.3 Condições de Produção

A AD procura compreender a língua fazendo sentido, na relação com as Condições de Produção do Discurso (doravante CP), as quais levam em conta o lugar de onde o sujeito pronuncia seu discurso, ou o papel social que o mesmo representa. Nesse âmbito, o sujeito é capaz de criar representações do outro e de si mesmo, baseando-se no lugar que estes ocupam no interior das condições de produção. Em relação a isto, Orlandi (2007, p. 16), afirma que:

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

Desta forma, as premissas básicas das Condições de Produção compreendem fundamentalmente, sujeitos e situação. Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam ou escrevem e dos sujeitos que leem ou ouvem, o meio em que o texto se materializa e as relações de poder envolvidas:

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (ORLANDI, 2007, p. 47).

O sujeito enuncia a partir de um determinado lugar e este lugar é um distintivo para o que ele diz. A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada aos interlocutores do discurso. Os sentidos se dão de acordo com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras.

2.4 Formação Discursiva

A partir de uma leitura de Althusser, Pêcheux (1988), considera que a noção de ideologia é essencial para o desenvolvimento do conceito de Formação Discursiva (doravante FD). O que é considerado na análise de discurso, enquanto uma teoria materialista, é compreender como os processos discursivos são constituídos e como as formações discursivas se constituem.

[...] É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 1988, p.159,160)

Tem-se, pois, dessa maneira, que a ideologia é fator essencial na constituição do sujeito, já que está presente na constituição do sentido e na constituição do sujeito em si. É importante destacar que um elemento essencial para a AD é o conceito de Formação Discursiva, que determina o que pode e deve ser dito dentro de uma Formação Ideológica, a partir de um lugar dado em um espaço sócio histórico determinado. Sendo assim, a Formação Discursiva procura entender de que forma se dá a produção de sentidos e relacioná-los com a ideologia:

A noção da Formação Discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise do Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2007, p. 43)

O sentido resulta de sua inscrição em uma formação discursiva, já que uma mesma palavra varia de uma formação discursiva para outra, o sentido desliza e define a inserção do sujeito heterogêneo no discurso, ela é sempre passível a vir a ser outra, dialoga envolve outros elementos na sua realização. Toda FD remete a uma dada formação ideológica. O sujeito do discurso traz para o debate um grupo de representações individuais a respeito de si mesmo, do interlocutor e do assunto abordado.

Desse modo, as Formações Discursivas passam a existir por meio do interdiscurso, o qual se caracteriza por “algo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1988, p.162).

2.5 Interdiscurso

O Interdiscurso se articula ao complexo das formações ideológicas - que são práticas dentro do AIE, como vimos nas teorias de Althusser - equivalentes no discurso, como se alguma coisa falasse antes, em um outro lugar, de forma independente. Assim sendo, o que Pêcheux diz sobre a palavra não ter um sentido literal faz toda a diferença, pois as palavras são sempre sentidos produzidos dentro de uma formação discursiva, lugar histórico provisório.

Diremos, nessas condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. Descobrimos, assim, que os dois tipos de discrepância, respectivamente, o efeito de *encadeamento do pré-construído* e o efeito que chamamos *articulação* – que consideramos, de início, como leis psico-lógicas do pensamento – são, na realidade, determinados materialmente na própria estrutura do interdiscurso (PÊCHEUX, 1988, p.162)

Assim, a noção de interdiscurso tem por finalidade designar o exterior específico de uma formação discursiva. Por isso, toda formação discursiva só se constitui e se mantém por meio de sua relação com o interdiscurso, utilizando-se da memória para prover outros significados.

Também foi chamado de interdiscurso por Pêcheux tudo aquilo que repousa sobre a forma de dois elementos interdiscursivos: pré-construído (o que já foi dito) e processo de sustentação (defender com razão), que compõem, no discurso do sujeito, os traçados daquilo que ele define, reinscrevendo-os no discurso do próprio sujeito. Podemos concluir, nessa linha, que é no interdiscurso que se observa a realidade do presente, passado e futuro dos enunciados.

[...] é o interdiscurso que especifica, como diz Pêcheux (1983), as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória” (ORLANDI, 2007, p. 33)

À vista disso, entendemos o interdiscurso como efeito da interpelação ideológica – o “pré- construído”, no nível da memória, a materialidade dos saberes, as formulações imaginárias necessárias para fundar as estratégias do discurso. Desta forma, toda Formação Discursiva será definida, construída e mantida a partir de sua relação com o interdiscurso. Para a autora, o interdiscurso é tratado como memória discursiva. “O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2007, p. 33).

2.6 Discurso do Telejornalismo

Aqui veremos como se deu o discurso no telejornalismo, trazendo o contexto da cobertura da Ocupação do Morro do Alemão feita pelo Jornal Nacional, que é o objeto de estudo do nosso trabalho. Para isso é preciso entendermos como esses discursos são produzidos.

Estudar o discurso no telejornalismo significa descobrir elementos que estão muito além do que parece óbvio aos olhos do telespectador. O analista do discurso tem a tarefa de buscar detalhes e sentidos muitas vezes ocultos nas entrelinhas dos enunciados e nas mais diversas imagens. Mais do que prestar atenção no que a TV nos diz, é importante voltarmos o olhar para a forma como ela nos diz. A televisão, em sua maioria, apresenta um discurso indireto⁸, principalmente no telejornalismo que está sempre em processo de inovação e edição das notícias.

⁸ É definido como o registro da fala da personagem sob influência por parte do narrador. Nesse tipo de discurso, os tempos verbais são modificados para que haja entendimento quanto à pessoa que fala

Quando o JN noticia os embates que analisamos ele o trata de uma forma característica. Por ser um telejornal de grande credibilidade e, conseqüentemente, audiência, a forma com que o tema é abordado é considerada, pela maior parte dos telespectadores, como uma reprodução real do fato. Porém, na verdade, sabemos que o processo de construção da notícia é permeado de fatores subjetivos, pois envolvem escolhas. Elas têm de ser tomadas desde a coleta das informações até a edição, onde são selecionados os trechos das entrevistas que serão exibidos, as imagens, o off, enfim, critérios que dependem do jornalista, do cinegrafista, do editor e, principalmente, da linha editorial da empresa jornalística. Todo esse processo de eleição de fragmentos, cortes, e escolha da narrativa empregada, muitas vezes fogem da objetividade tão perseguida pelos jornalistas.

Em geral, todos os grandes telejornais de âmbito nacional trabalham com as mesmas fontes principais de informações brutas sobre os acontecimentos. Compartilham ainda de valores notícias⁹ muito semelhantes. Vale aqui reportarmos ao nosso tema que, na maioria das vezes em que o JN fez a cobertura desse conflito, seus discursos verbais e imagéticos estavam repletos desse valor notícia – guerra, medo, morte, prejuízo, prisões, etc.

Em relação a operação policial feita no Morro do Alemão, as condições de produção das notícias são estruturadas por um duplo sentido: o dos aparelhos de repressão ao crime e do campo jornalístico – o aparelho ideológico da informação. Segundo Althusser (1974, p. 121), todos os Aparelhos ideológicos de Estado, sejam quais forem, contribuem para um mesmo resultado: a reprodução das relações capitalistas de exploração. Cada qual da maneira que lhe é própria. “O aparelho da informação, empanturrando cada “cidadão” com doses diárias de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo etc., através da imprensa, do rádio e da televisão”.

A mídia é um setor de grande importância na formação, negativa ou positiva, dos indivíduos, que atua sempre a serviço do poder econômico, em todos seus aspectos. Os programas de TV, novelas, reportagens, transmissões etc., tudo está atendendo aos interesses do sistema. Quando a mídia elege a violência como um

⁹ No telejornalismo, esse valor-notícia de construção rege todas as produções, visto que a linguagem do telejornalismo tem de ser a mais clara possível. Além disso, a linguagem empregada no telejornalismo deve ser simples, pois atinge pessoas de diversas classes sociais e níveis de escolaridade.

dos temas que merecem destaque, ela sugere também que esse tema seja comentado pela sociedade em geral.

Dessa maneira, a violência proveniente dos conflitos entre policiais e traficantes no Rio de Janeiro, passa a ser um dos temas recorrentes nas conversas em escolas, empresas, bares, enfim, torna-se um assunto recorrente no cotidiano da sociedade. Ainda, ao propiciar destaque a esse assunto, a mídia tem entre as suas características peculiares, o poder de atribuir significado aquilo que está sendo noticiado.

Partindo de todo esse pressuposto, veremos como se deu o discurso do Jornal Nacional em relação a tomada do conjunto de favelas do Alemão. Com isso, abordar a imagem que foi construída pelo JN a respeito do conteúdo. Para isso, iremos nos ater aos conceitos, aqui, já vistos.

CAPÍTULO III – DA COLETA À ANÁLISE DO CORPUS

O terceiro e último capítulo consiste em apresentar os aspectos metodológicos e de análise dos discursos do Jornal Nacional na cobertura da ocupação da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão em 2010.

3.1 Estabelecendo métodos para análise

Tomamos como método para este trabalho a Análise do Discurso, com a finalidade de descobrir qual o discurso sustentado pelo Jornal Nacional a respeito dessa ação da polícia contra o tráfico.

Nesta pesquisa, observamos algumas edições do JN, que foram exibidas no período de 25 a 29 de novembro de 2010. Não julgamos importante a matéria do dia 27, pois nos quatro blocos em que foi dividida abordava os mesmos aspectos; conseqüentemente, também, não tivemos acesso a cobertura do dia 28 que foi realizada pelo fantástico. Para completarmos um número exato de quatro matérias, escolhemos uma, respectivamente apresentada em setembro de 2011, sobre o troféu do Emmy, um prêmio concedido ao telejornal pela cobertura da ocupação do Morro.

As amostras selecionadas foram coletadas do site <<https://www.youtube.com>>, todas abordando a Tomada do Complexo do Alemão. Foram escolhidos apenas quatro vídeos que tratam da invasão, a fim de analisar a cobertura desse evento. Foi necessária a delimitação a um número reduzido de edições devido a extensão de algumas matérias e do nosso comprometimento de analisar o discurso presente nas reportagens que dizem respeito ao confronto entre policiais e traficantes no Rio. Um número superior ao estipulado seria muito extenso para um trabalho final de graduação, pois na AD esse Corpus é julgado suficiente para verificar o discurso subjacente ao Jornal Nacional.

Para tanto, nos utilizaremos dos dispositivos de análise vistos no capítulo anterior da escola francesa de Análise do Discurso, são eles: as Condições de Produção do Discurso (doravante CP), a Formação Discursiva e o interdiscurso. A AD é um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens.

O conceito de discurso aqui é concebido como algo sócio histórico, pois considera primordial a relação da linguagem com a sua exterioridade.

[...]. Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. (ORLANDI, 2007, p.16)

O método de coleta ainda se deteve na transcrição das falas dos personagens existentes nas reportagens do telejornal a partir destas, decorreu a análise dos discursos obtidos. A análise foi realizada através de enunciados, que nada mais são do que recortes das falas transcritas dos personagens para forma de texto, os quais transmitem efeitos de sentido. Abreviamos a palavra “enunciado” para letra “E”, ela será seguida de um número que se estenderá em uma sequência, ficando desta forma: E1, E2, E3, ..., E10, etc. Na sequência discursiva, a marcação se dá de forma contínua para todas as edições coletadas, pois assim é possível compreender o todo do discurso. No momento das análises dos enunciados, destacamos as falas transcritas com aspas para facilitar o reconhecimento das mesmas. A identificação das falas será feita pelas iniciais de cada personagem que aparece nas reportagens.

3.2 Análise do Corpus

3.2.1 Início das operações

Começaremos por analisar a primeira cobertura do evento que ocorreu no dia 25 de novembro de 2010. Este dia marcava o início das operações da polícia contra o tráfico. Tal operação se deu por conta da série de ataques que o Rio de Janeiro vinha sofrendo há uma semana antes da invasão, comandados pelos traficantes da região. De acordo com especialistas, a causa dos ataques teria sido a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em muitas favelas, eliminando várias áreas de narcotráfico dos criminosos.

E1 - F.B: Boa noite. O Rio de Janeiro viveu hoje um dia histórico no combate as quadrilhas de traficantes de drogas.

M.G: Boa noite. Uma das regiões mais violentas da cidade foi ocupada pela polícia. Foram usadas armas e blindados especiais da Marinha.

Neste primeiro enunciado, pela fala de Fátima Bernardes, podemos ver que algo diferente está acontecendo, em relação aos ataques que o Rio de Janeiro vinha sofrendo. Quando ela fala em “dia histórico”, remete um efeito de sentido que alguma providência foi tomada de proporções diferenciadas do que vinha ocorrendo. Por isso que ela diz que a cidade do RJ está marcada por este evento, historicamente. As ações que foram tomadas hoje, não são ações comuns, são ações diferentes.

O discurso do Jornal Nacional constrói essas ações como uma cena de guerra, uma verdadeira batalha entre autoridades e criminosos. Quando Márcio Gomes fala em “blindados especiais da Marinha”, produz efeito de sentido de guerra, pois a Marinha é uma força do exército, isso mostra que o que está ocorrendo não é uma ação ostensiva ou uma ocorrência policial, simplesmente, mas é uma grande batalha. Então, tanto pelo acionamento de “dia histórico”, quanto pelo termo “especiais da marinha”, constata-se noção de guerra e não uma ação comum da polícia.

E2 - A.L: Um longo comboio da Tropa de Elite da polícia do Rio, a caminho da Vila Cruzeiro. Era o primeiro sinal de como seria o dia. Logo depois da passagem dos policiais, um carro roubado foi incendiado por bandidos na Avenida Brasil, no acesso ao bairro da Penha, para onde a polícia se dirigia.

Essa expressão: “um longo comboio da tropa de elite”, dita pelo repórter André Luis, vai indicar mais uma vez que a ação não é comum, e sim uma ação de guerra. O jornal já identificou que as pessoas que estão agindo dessa forma são “bandidos” e vai colocar dois lados: lado dos bandidos e lado da polícia.

Pelas CP, quando se falava em ocorrência policial em favelas, os moradores não viam como uma ação benéfica. Interdiscursivamente os traficantes, na realidade, não eram bandidos. No Rio de Janeiro, o pessoal do tráfico era visto como uma “instituição beneficente”, melhor dizendo, os moradores da favela se valiam muito da ajuda dos traficantes. Como eles tinham o poder aquisitivo, ajudavam a população com uma série de coisas: pagamento de dívidas, bujão de gás, coisas que as pessoas cotidianamente não tinham acesso e que eles forneciam. E sempre que a polícia invadia a favela, ela não era bem vista pelos

moradores, pois sabe-se que, às vezes, em operações matavam por engano ou propositadamente pessoas que não tinham relação com a criminalidade. Logo, o interdiscurso gera a imagem da polícia como má e o tráfico como um poder alternativo, que traficavam, mas que parte das drogas eram convertidas em benefícios para a população. E daí a importância de o telejornal deixar claro esses dois lados.

Ainda sobre a questão desses dois lados, na interdiscursividade, se existe “bandidos” há o “mocinho”. No discurso cultural de filmes e novelas observamos que existe a figura do bandido e o seu revés que é o mocinho. A imagem do mocinho é justamente de uma pessoa que está ali em defesa da lei e defesa da população, uma pessoa boa, impecável, irretocável.

E3 – A.L: Aos pés da igreja da Penha, no coração do bairro, a Avenida Brás de Pina se transformou na base recuada das forças policiais, era aqui que as tropas do Batalhão de Operações Especiais do BOPE recebiam as últimas orientações, antes de começarem a ação na Vila Cruzeiro.

Na perspectiva abordada acima observamos que o repórter aciona um discurso religioso, quando menciona que a igreja da Penha se transformou na base recuada das forças policiais. Existe um efeito de sentido: a expressão “aos pés da igreja” coaduna com o sentido religioso. Mais adiante, vamos perceber que é construída uma imagem do bem e do mal pelo próprio policial. Não só pela questão institucional, mas é o bem pelo bem mesmo, independentemente de ser policial ou não. A prova disso, é que a base na igreja vai fortalecer ainda mais essa imagem.

E4 – A.L: Eram mais de 170 homens do BOPE – o Batalhão de Operações Especiais - eles usavam 7 veículos blindados e ainda carros de assalto da Marinha. Essas são as carretas de onde desembarcaram os carros especiais dos fuzileiros navais. Quando os blindados entraram na favela, levando as equipes do BOPE, bandidos tentaram impedir com carros pegando fogo, barricadas com pneus queimados, até caminhões de uma loja de eletrodomésticos foram usados como barreira, um deles foi incendiado, as chamas atingiram a rede elétrica, um tanque da marinha rompeu uma das barreiras, passou por cima de um carro que tinha sido incendiado por criminosos, as imagens foram registradas pelo globocop.

Este enunciado constrói uma verdadeira cena de guerra, podemos observar a partir das expressões mencionadas: “veículos blindados”, “carros de assalto da marinha”, “carretas onde desembarcam os carros especiais”, “carros especiais dos

fuzileiros navais”. Esses são dispositivos próprios de guerra e, interdiscursivamente, é próprio do discurso militar das forças armadas. Por isso, o telejornal sustenta que o que está acontecendo ali é uma intervenção Militar.

Por outro lado, o JN continua tratando os traficantes como “bandidos”. Eles tentaram impedir as operações através de algumas ações, se opondo. Constatamos isso na frase “até caminhões de uma loja de eletrodomésticos foram usados como barreira”. Dessa oração surge um efeito de sentido. O jornal quer mostrar a ousadia deles, de pegar um caminhão, que é um veículo grande de eletrodomésticos, para impedir o avanço da PM. E nessa tentativa “acaba atingindo as redes elétricas”, que também provoca um efeito de sentido: atingindo a rede elétrica vai causar transtornos à população. Percebe-se que nessa cena de guerra, os traficantes são bandidos ousados e que não trazem benefício nenhum a população.

Até o momento se mostra que essa ação da polícia é uma batalha e que existe o lado do bem e do mal. Um lado bom e que não precisa ser institucionalizado, fardado; e o lado do mal que são os criminosos que trazem uma série de malefícios. E se está acontecendo uma guerra, alguém está fazendo essa cobertura. Existem os lados que já foram mostrados, da polícia e dos traficantes. E tem a cobertura da guerra, sendo realizada pela Rede Globo, por isso as imagens foram registradas pelo globocop¹⁰.

E5 – A.L: De outro helicóptero, flagramos o início da movimentação dos bandidos, eles estavam fortemente armados.

A palavra “flagrar” produz um efeito de sentido. Interdiscursivamente, flagrar também vem do discurso policial, pegar em atuação um determinado crime. Ao mesmo tempo “flagrar” é descobrir alguma coisa em andamento, porém oculta.

Na frase “estavam fortemente armados”, compreendemos a noção que se constrói de bandidos, de criminosos, principalmente pela expressão “flagrar” que vai mostrar o sentido que está sendo produzido. Como mal, eles estão se opondo ao bem, eles não estão simplesmente sendo massacrados, para que não haja a sensação de que há uma covardia nesse conflito, e não crie um discurso de uma força desproporcional. Na verdade, o que está mostrando é que os bandidos estão se defendendo com ousadia, muito bem armados, então não é uma luta desigual. Não pode ser comparado a uma atitude desleal da polícia.

¹⁰ Helicóptero usado pela TV Globo para imagens aéreas e coberturas em tempo real.

E6 – A.L: Às três da tarde, um grupo de bandidos começou a fugir por uma rua de terra que dá acesso à favela vizinha a do Alemão, uma quantidade impressionante de homens. Moradores ficaram acuados dentro de casa e começaram a acenar com panos brancos, pedindo paz na comunidade.

No conflito, os traficantes começam a evacuar, porém, o telejornal constrói a imagem que quem não está envolvido no conflito entre “criminosos” e “mocinhos” jamais pode ser taxado como bandido, porque na favela não tem somente essa categoria. Vemos isso quando menciona “moradores”, e esses não reagiram contra a polícia. A expressão “ficaram acuados”, produz um efeito de sentido de não esboçar reação contrária à ação das forças especiais.

Interdiscursivamente, a expressão “panos brancos” vai simbolizar a bandeira da paz que é oriundo do discurso militar de guerra. Bandeira branca é utilizada quando se está numa batalha. Confirma-se assim a ideia do cenário que se constituiu pelo telejornal, ou seja, está ocorrendo uma guerra e existem dois lados: do bandido e do mocinho. E a população, em princípio, não coaduna com esse conflito. Ela fica acuada, porque não reage; os bandidos que reagem contra. E diante dessa não reação, a única forma que eles têm é de acionar a bandeira branca, que mais uma vez tem a ver com a formação discursiva militar e com guerra.

Na oração “pedindo paz na comunidade”, mostra que realmente eles não querem nenhum tipo de confronto com a polícia. E acrescenta que a imagem que o telespectador está vendo, não é aquela imagem que a população só se revolta contra a polícia. Se observarmos as Condições de Produção do Discurso, sempre que há uma intervenção da polícia militar na favela, há uma certa revolta dos moradores. Em relação a esse conflito, não há manifestação dos moradores contra os policiais.

E7 – A.L: A Vila Cruzeiro fica num conjunto de favelas da Penha, ao lado do Conjunto do Alemão. O batalhão da polícia militar responsável pela área, calcula que nas 40 comunidades da região, vivem cerca de 400 mil pessoas. A área é tão grande que abrange 10 bairros da cidade.

Comunidade e favela estão em relação de paráfrase discursiva, dentro da formação discursiva familiar carioca. Favela e comunidade, é a mesma coisa. Diante do narrado anterior “pedindo paz na comunidade”, poderia se pensar que a ação é muito exorbitante, já que se mencionou um discurso de guerra. Então se faz essa

descrição, para mostrar que esse tipo de intervenção militar não foi exagerado, pela quantidade de pessoas que vivem ali e pela abrangência da área. Como especifica também “Vila Cruzeiro”, poderia se pensar num exagero desse montante de envolvidos na operação, mas percebemos que não, pelo descrito do jornal neste enunciado.

E8 – A.L: Foi na Vila Cruzeiro que o repórter Tim Lopes foi assassinado em 2002. Tim tinha recebido a denúncia de moradores, de que traficantes faziam bailes, onde além da venda de drogas, havia exploração sexual de meninas menores de idade. Tim foi capturado, torturado e executado. A investigação provou que teria sido a quadrilha de Elias Maluco a responsável pelo crime, os bandidos foram presos e condenados. Mas a região da Vila Cruzeiro continuou como reduto dos criminosos e mesmo atrás das grades, numa penitenciária fora do Rio, Elias Maluco manteve o controle sobre o tráfico na região.

Podemos dividir esse enunciado em dois momentos: no primeiro, o telejornal vai apresentar um fato que marcou a região da vila cruzeiro, que é a morte do repórter Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento, mais conhecido como Tim Lopes. O telejornal narra sucintamente o que aconteceu, que ele morreu de maneira muito violenta.

Pelas CP o que se sabe é que Tim Lopes era repórter investigativo e produtor da Rede Globo, emissora que o contratou e o colocou na favela para fazer essas reportagens sobre drogas, no final das contas, não conseguiu manter o controle e nem garantir a sua segurança e ele acabou sendo assassinado. No dia 2 de junho de 2002, Tim Lopes foi até a favela Vila Cruzeiro, com uma microcâmera escondida numa pochete que levava na cintura, para gravar imagens de um baile funk promovido por traficantes de drogas. Ele teria recebido uma série de denúncias dos moradores do morro e queria investigar. Os traficantes estranharam a presença de Tim Lopes no local e o capturaram. A morte do repórter foi definida pelo traficante Elias Pereira da Silva, o Elias Maluco, um dos líderes do grupo criminoso Comando Vermelho. Ele foi torturado, antes de ser assassinado com uma katana¹¹, em seguida, o corpo teria sido esquartejado e queimado no Morro da Grota¹². Foi um crime muito hediondo que marcou a história do jornalismo no geral e a história da própria Rede Globo, que até então, não tinha acontecido algo tão grave assim com relação as reportagens do tráfico.

¹¹ Espécie de espada ou facão.

¹² Verificar informações no site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tim_Lopes

No segundo momento, mostra que os culpados foram descobertos e presos, porém, o jornal vai dizer que apesar da morte trágica do repórter ter chamado tanta atenção na época, nada foi mudado. “Mas a região da Vila Cruzeiro continuou como reduto dos criminosos”. Tal expressão causa efeito de sentido. Interdiscursivamente, “reduto” é uma expressão própria da criminalidade que significa território. Observamos também a expressão “atrás das grades” que é um discurso penitenciário vulgar. Ou seja, a região inteira continua sendo local de ações do tráfico, mesmo após a prisão do comandante do complexo, pois, ainda assim, manteve o controle do tráfico na favela. Então, na realidade, a morte do jornalista não causou nenhuma mudança, não obteve nenhum resultado mais contundente por parte das autoridades. É isso que o texto alude, quando fala “mas a região continuou como reduto”. Podemos verificar que de 2002 para 2010 há um longo período de oito anos e o telejornal sustenta que nada tinha mudado em relação ao tráfico. Logo, o JN faz uma crítica em relação a isso.

E9 – A.L: A Secretaria de Segurança afirmou hoje, que a ocupação da favela é o início do processo de instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora, a área é considerada estratégica, até porque era para onde fugiam os bandidos de outras comunidades com ocupação permanente de policiais.

A primeira coisa interessante que se observa nesse enunciado é a expressão “Polícia Pacificadora”. Hoje é uma coisa muito comum para a gente, mas em outra época isso foi um pioneirismo. Naquele momento era uma terminologia nova, uma nova produção discursiva da Secretaria de Segurança com relação a atuação que tem que ocorrer nesses conflitos entre a polícia e os criminosos. Considerando pelo interdiscurso que a Ditadura Militar no Brasil, através de suas forças como a polícia, produz historicamente ideia de repressão. Quando se fala em Polícia Pacificadora, anula-se a imagem de polícia ligada a violência.

As expressões “afirmou hoje” e “início de processo” produz um efeito de sentido de que até então, nenhuma secretaria de segurança havia tomado alguma providência. Percebe-se que o telejornal está fazendo uma crítica às secretarias de segurança ligadas aos governos anteriores. Observa-se a mesma crítica no final do E8. O discurso reporta que as gestões anteriores foram omissas a essas ações. Conclui-se, então, que o telejornal produz sentido de que se tivessem feito alguma

coisa anteriormente, talvez não estivesse chegado a esse clímax que é o da operação no Morro do Alemão apresentada como ação de guerra.

E10 - P.H.M: Tá havendo vários confrontos, vários pontos, num é, mas nós estamos conseguindo avançar no terreno, o que é importante.

A.L: Como é que o senhor está sentindo? A gente percebe aqui pela, pela população uma certa solidariedade. Eu vejo coisas que eu não via na outra vez. População fornecendo água, fornecendo abrigo. Como é que vocês estão sentindo o clima da população em relação a presença das suas tropas?

P.H: Ficando cada vez mais claro quais são os lados, o lado do bem e o lado do mal e a população sempre vai escolher o lado do bem.

Morador: A gente sai e não sabe se pode chegar numa janela, se pode chegar num portão. Acabar, neh?

Moradora: A gente espera melhoras sempre, neh? Acho que dessa vez algo vai, tem que acontecer neh?

O Comandante do BOPE, Paulo Henrique Moraes, continua reforçando a ideia de guerra, não só pela expressão “confrontos”, mas quando usa o termo “avançar no terreno”, que é próprio também do discurso militar mais voltado a guerra. Vemos também na frase “o que é importante”, um efeito de sentido de estratégia. No discurso Militar, estratégia de guerra é avançar no terreno apesar dos confrontos que ele diz que há. E, ao mesmo tempo, os confrontos mostram que existem lados opostos e não um lado só.

Pelas CP, quando o jornalista fala “vejo o que não vi da outra vez”, reforça-se a imagem da antipatia que havia da população com a polícia e que nesse discurso não existe mais, pela solidariedade, pela confiança, etc. No mesmo enunciado a visão de guerra. Fornecer provimentos é típico do discurso de conflito e também pela “presença de tropas” que alude a noção militar. O repórter já tem a ideia de que existe um conflito, que também está reforçado nos discursos do telejornal e que a população está favorável às forças armadas. Daí o JN insere a fala do comandante para evidenciar que a população segue “o lado do bem”.

Na frase “ficando cada vez mais claro”, o primeiro sentido produz o conceito que a população, na realidade, não tinha o discernimento do bem, por isso havia aquela antipatia anterior. Pelo sentido de obscuridade por parte de quem é ignorante, favela equivale-se a falta de compreensão. Então, mostra que o comandante quer reforçar o discurso e o telejornal coaduna com isso, de que a polícia é sempre o lado certo. O Jornal Nacional sustenta o discurso que a população está mudando na medida em que ela começa a ajudar os policiais. Na

verdade, ela está com a percepção mais nítida do que está ocorrendo. A expressão “acabar”, dita pelo morador, intensifica a ideia que a população não quer mais esse confronto e conseqüente segue o lado do bem.

Na medida que a moradora fala “tem que acontecer”, observamos que o efeito de sentido está ligado a história. Quando algo acontece, significa dizer que é um fato diferente. Tem que haver uma mudança, uma ruptura histórica em relação a isso.

Pela fala dos entrevistados, o telejornal reforça que esse tipo de intervenção militar era necessária.

E11 - M.G: Essa grande operação policial produziu cenas realmente raras e impressionantes

F.B: Um dos momentos mais tensos foi durante a fuga de vários bandidos armados, imagens que foram registradas pelo globocop.

T.N: A medida em que o cerco aumenta, é possível ver a agitação dos bandidos. Na estrada de terra alguns homens armados seguem a pé. O reforço para fugas chega em motos. Nesse momento há correria, e marcas no chão indicam que tiros são disparados em direção ao bando. Logo atrás esta caminhonete sai em direção à favela lotada. Traficantes amontoados numa fuga desesperada e dão carona a outros que seguem correndo. Um deles deita no capu com um fuzil. A correria continua, um dos bandidos é baleado e cai. É socorrido por um comparsa. A todo instante surgem mais traficantes armados. Contamos menos duzentos homens, eles começam a cortar caminho pela mata.

De início, quando M.G fala em “cenas impressionantes”, ele está se referindo a fuga dos criminosos.

Como já se percebe, o noticiário está trabalhando a ideia de guerra e de conflito. Num primeiro momento, a palavra “fuga” vai promover o efeito de sentido de “desvantagem”, porque quando se foge de um lugar fica notório que uma das partes não pode reagir. Porém, a apresentadora complementa com “bandidos armados”, e daí atenua-se, porque mostra que os traficantes estão reforçados. Apaga uma concepção de covardia que poderia haver por parte da polícia.

Por todo o enunciado 11 veremos, na fala de Tatiana Nascimento, palavras como “cerco”, “homens armados”, “reforço”, “bando”, “fuzil”, “comparsa” utilizada pelo discurso da criminalidade. Essas expressões fazem o telejornal estender a imagem de guerra. A noção é de que realmente os bandidos estão reforçados, porque estão armados. Assim juntos e armados são perigosos.

Pela contagem de 200 homens, percebe-se que o JN sustenta o discurso de que não houve covardia por parte dos policiais. Os bandidos têm reforços,

observamos isso quando o enunciado menciona a utilização de caminhonetes, motos. Logo, os bandidos também têm subsídios e assim, pelo telejornal, não há “desvantagem” no conflito.

E12 - T.N: Ao ver essas imagens, duas perguntas: para onde esses bandidos estão indo? E a polícia não estava preparada para essa fuga em massa?

Os criminosos estavam na Vila Cruzeiro. O destino dos que escapavam estava do outro lado do morro, o conjunto de favelas do Alemão. Uma área dominada pela mesma facção criminosa dos fugitivos e que segundo a polícia, vem ordenando a série de ataques no Rio. Uma hora depois, a chegada a comunidade vizinha, onde recebem o apoio de mais homens com motos para buscar esconderijo. Perto dali um helicóptero blindado da Polícia Civil vasculha a mata, enquanto os bandidos seguem fugindo. A imagem do bando ao chegar perto das casas, dá a dimensão do que a polícia do Rio está enfrentando. Um deles se exhibe com um fuzil apontado para o alto. Novos obstáculos foram montados na parte baixa da favela para impedir que os policiais entrassem no novo refúgio, mas no fim da tarde, os PMs já estavam no alto do morro por onde os bandidos passaram para se esconder.

Uma coisa que é rara na Formação Discursiva jornalística são as perguntas retóricas. São retóricas porque o telejornal tem a resposta para as duas. Isso não é muito comum dentro da formação discursiva jornalística, porque a Formação Discursiva é tudo aquilo que pode e deve ser dito. Jornalista não faz a pergunta se não for para uma fonte de informações que vá deslindar o problema, e isso não acontece neste enunciado.

Na narrativa não há pergunta a ninguém. É próprio do discurso jornalístico endereçar sua pergunta a alguém. Então quando se faz perguntas retóricas, é porque o telejornal, pelo apanhado, já sabe de que forma a situação se encontra no complexo das favelas do Rio. Portanto, as perguntas indicam um conhecimento de causa do que ocorre em relação às favelas e o tráfico de drogas do Rio de Janeiro.

Pelas CP, sabemos que quando a repórter fala em “série de ataques no Rio”, ela está se referindo a onda de violência comandada pelo tráfico que ocorreu dias antes da invasão ao Morro.

Ao dizer “facção criminosa”, expressão típica caracterizando esses traficantes. Mostra que não está concentrada num ponto só. Quando eles se deslocam de um local para outro, é porque eles detêm um controle muito maior de redutos ou de lugares. Então não é uma favela isolada é um conjunto de localidades em que eles só fazem se deslocar de um ponto a outro.

Para reforçar a ideia de que não há desproporcionalidade, é mencionada a palavra “apoio”. Tem traficantes em quantidade considerável inseridos nessas favelas, não só numa parte, mas em várias. Tanto que do outro lado no Morro do Alemão já tinham mais traficantes esperando por eles.

Assim, quando o telejornal faz a pergunta retórica é exatamente para dizer que a polícia não estava preparada para essa fuga em massa. Não estava preparada, porque a polícia está enfrentando muito mais do que um pequeno grupo de traficantes. Com esse discurso que o jornal monta, complementa a ação tratada como guerra.

Encontramos ainda no enunciado a narrativa de um traficante se exibindo com um fuzil, para mostrar que tem uma arma. Quando ele aponta para o alto, ele está mirando para o helicóptero da polícia, então a reportagem produz a cena de que o traficante não está intimidado com a ação policial. Quando ele se exhibe, ele demonstra que pode entrar em confronto com a polícia. Tal discurso se consolida mais no instante que foi mencionado os obstáculos.

Desse modo, o que o telejornal identifica como “guerra” não é uma ação covarde, não é desproporcional, porque realmente os bandidos estão com armas poderosas a ponto de não se mostrarem intimidados pelo fato do helicóptero da Polícia Civil estar ali.

Quando se fala “mas no final da tarde os PMs já estavam no alto do morro”, deixa em aberto que eles estavam lá. Apesar dos desafios a polícia conseguiu superar os obstáculos. Então há uma caçada, já se mostra que nessa guerra a polícia está ganhando território, apesar dos confrontos e dos traficantes não temerem, mas que a polícia vem avançando. Como vimos no E10, as forças armadas estão vencendo e o “bem” está ganhando.

3.2.2 Segundo dia da ação

A ofensiva da Polícia Militar do Rio de Janeiro logrou êxito em ocupar o território da Vila Cruzeiro no dia 26 de novembro uma área da cidade que até então estava em poder dos narcotraficantes do Comando Vermelho. Durante a ocupação, os traficantes puderam escapar para o Complexo do Alemão, ocupado por uma quadrilha da mesma facção criminosa, numa região constituída pelo conjunto de treze favelas.

E13 – M.G: 41 pessoas já foram presas desde que as ondas de ataques começaram.

F.B: 17 mil e 500 policiais militares estão de prontidão, as ações se concentraram numa região do Complexo do Alemão.

Este enunciado é uma suíte¹³ da reportagem que diz respeito a fuga dos traficantes da Vila Cruzeiro para o Complexo do Alemão. Inicialmente, o apresentador faz referência aos ataques que o Rio de Janeiro vinha sofrendo antes da ação da polícia contra o tráfico nas favelas.

No enunciado 14, o discurso se remete as mesmas coisas que já foram vistas anteriormente, isto é, existe uma oposição do conflito entre a polícia e os traficantes:

E14 – B.L: Bandidos armados dão proteção a outros traficantes que vem em motos para se esconder dos policiais. Os criminosos chegam às pressas e aos poucos o bando aumenta, repare que muitos estão com fuzis, de repente pelo menos três começam a atirar. As imagens foram flagradas pelo globocop no fim da manhã. Os bandidos estavam numa rua da Vila Cruzeiro num conjunto de favelas do Alemão na Penha, subúrbio do Rio. (Tiros) houve vários tiroteios ao longo do dia nas comunidades. Moradores tentavam se proteger.

Num dos tiroteios uma das balas entrou pela janela de um dos apartamentos, bateu aqui na parede e por pouco não feriu os moradores, a dona do imóvel estava sentada nesta poltrona e o filho dela, de apenas 5 meses, estava neste bebê conforto.

Sendo que discursivamente, os traficantes nunca são chamados de bandidos apenas ou simplesmente como criminosos comuns. Percebemos aqui as expressões “bandidos armados”, “bando aumenta”, “criminosos chegam às pressas”. Então, vemos que o termo “traficantes” está sempre associado a bandidos, porém, não só bandidos em si, mas a pessoas perigosas. Estão sempre armados e muitos com fuzis que é uma arma de guerra, o que vai reafirmando a ideia de não covardia, como fora visto no E11, porque no conflito os bandidos estão fortemente armados.

Ao analisarmos a expressão “moradores tentavam se proteger”, dita por Bette Lucchese, percebemos que o telejornal apresenta a população como vítima nesse conflito. Na contraposição de que os moradores eram favoráveis aos traficantes, neste discurso se faz uma nova construção. Os moradores estavam tentando se proteger do tiroteio, provavelmente causado pelos criminosos. O noticiário reforça a

¹³ É uma matéria que dá sequência ou continuidade a uma notícia, seja por desdobramento do fato, por conter novos detalhes ou por acompanhar um personagem

imagem do lado do bem e lado do mal, e que a população está a parte desse confronto.

Na segunda parte descreve-se uma bala que entrou pela janela, aí se evidencia a questão dos moradores como vítimas. “Bateu aqui na parede e por pouco não feriu os moradores” e até uma criança de 5 meses. Isso provoca um efeito de sentido, pois quando uma criança está no meio de um conflito, leva a construir uma ideia de sensibilização para quem está acompanhando, o telespectador vai ficar mais sensível porque a imagem da criança é inferida como inocente.

Por outro lado, sobre os tiroteios, é interessante mostrar que é mencionado apenas que a bala entrou pela janela, mas não fala a origem dela. Porém, entende-se pela parte inicial que seria dos traficantes, porque a imagem dos policiais aparece pouco. Observa-se na expressão: “bandidos armados”, então quem estavam armados eram os criminosos. Embora que os tiroteios incidem sobre um confronto da polícia contra os traficantes, o fato de a polícia quase não ser mencionada aqui, o telejornal constrói um discurso, que na realidade, pelo efeito de sentido de que “de repente pelo menos três dos bandidos começam a atirar” e “houve vários tiroteios”, sem dizer quem são os autores, leva a inferir-se que esse incidente ocorrido na casa de um dos moradores e que quase atingiu uma criança de 5 meses, teve como autores os traficantes.

E15 – B.L: Num hospital, esta família entrou em desespero ao saber da morte de uma jovem de 14 anos, baleada dentro de casa. Moradores desceram o morro, carregando o corpo de um homem de 29 anos, parentes contaram que ele era trabalhador. Feridos por bala chegavam a todo momento ao hospital.

Em E15, o telejornal passa uma imagem que nesse conflito há sempre um prejuízo humano. Indiscriminadamente atinge todas as pessoas anteriormente vimos que tinha um bebê. Então são três categorias: do bebê de 5 meses, de uma adolescente de 14 anos e de um senhor, que é trabalhador. Isso mostra que o conflito atinge e dá prejuízo a pessoas da própria comunidade. Recapitulando: quase atingiu um bebê, uma jovem de 14 anos morreu e um trabalhador, embora não tenham dito que ele morreu, mas o fato de mencionar: “pessoas carregam o corpo”, produz um efeito de sentido de que essa pessoa está morta. Além disso, na fala: “parentes contaram que ele era trabalhador”, produz um efeito de sentido

mostrando que ele não era criminoso, e que nem era um policial, mas uma pessoa da comunidade que exercia a sua profissão, que tinha a sua vida cotidiana e que não tinha a ver com o conflito, mas que foi atingido. O repórter menciona “feridos por bala chegavam a todo momento no hospital”, então nessa ideia de guerra, sabemos que as pessoas que são do lado do bem, como vimos nos enunciados anteriores, também são atingidas. Ou seja, as pessoas da comunidade são vítimas de balas que as atingiram por erro. E o telejornal mostra que quem está atingindo essas “pessoas de bem”, são os traficantes.

E16 – B.L: Boa parte do comércio fechou as portas durante os tiroteios, num conjunto de favelas da penha. Os ônibus não deixaram de circular, mas muitos passavam assim, praticamente vazios.

Já neste enunciado, o prejuízo é econômico. Na expressão “boa parte do comércio fechou as portas durante o tiroteio”, o jornal mostra as consequências negativas do ponto de vista econômico do conflito. Observamos também na fala: “os ônibus... passavam assim, praticamente vazios”. O ônibus é o meio de transporte do trabalhador, se estão vazios é porque não tinha trabalhador para se deslocar para os seus respectivos empregos. E isso afeta tanto as pessoas da comunidade que não estavam indo trabalhar, quanto as empresas de ônibus que deixaram de faturar no decorrer desse conflito.

E17 – B.L: Um carro blindado da PM foi atacado, os bandidos também conseguiram furar um dos pneus do carro blindado. No alto da igreja da Penha, bandidos com rádios transmissores observavam os policiais. É na Vila Cruzeiro que está a maior parte dos bandidos que fugiram das Unidades de Polícia Pacificadora, que levaram o policiamento permanente para as comunidades. Doze unidades de UPPs já foram instaladas em favelas, onde vivem mais de 200 mil pessoas. O secretário de segurança afirmou que vai continuar com a estratégia de retomar territórios, antes dominados pelo tráfico.

J.M.B: Nós estamos desacomodando pessoas dos seus lugares a onde estavam instalados a muito tempo com uma certa tranquilidade, e toda pessoa que se ver incomodada, que se ver perdendo poder, que se ver perdendo dinheiro, neh. Ela, ela reage, mas é a hora exatamente de mostrar que nós sabemos aonde quer chegar.

Em E17 o telejornal passa a mesma imagem de guerra. “Um carro blindado da PM foi atacado”. Esta visão ocorre, porque carros blindados da PM são parecidos com tanques de guerra, o que reafirma esse discurso de conflito. Mais uma vez é contundente, do ponto de vista do telejornal, a não covardia por parte da polícia;

porque se até o pneu do carro blindado os traficantes conseguiram furar, isso mostra que eles estão com poder de fogo para reagirem. Na frase “no alto da igreja da Penha, bandidos com rádios transmissores observavam os policiais”, produz efeito de sentido de afronta, pois a igreja está acima. A expressão “rádios transmissores” também gera sentido de guerra, o que reforça a imagem que está sendo passada.

Nesse enunciado, descreve-se uma noção do que é uma Unidade de Polícia Pacificadora, o policiamento é permanente nas comunidades e 12 delas já foram instaladas na favela. Observamos que o JN dá voz ao secretário que usa a expressão “retomar território”, também é próprio do discurso militar de guerra. Se por um lado a cadeia discursiva aponta para a ocupação como uma guerra e que ela é retratada como um confronto do bem e do mal, então quando esse lado do bem vai retomando território, o efeito de sentido é de que o bem está conquistando o seu lugar.

Contudo, todo discurso se submete às leis de desigualdade-contradição-subordinação. Observamos isso na fala do secretário de segurança José Mariano Beltrame. Nem todo discurso vai ser homogêneo e percebe-se que essa ideia de bem e mal, não é tão simples. Em sua fala, o secretário de segurança não menciona “traficantes” e “nem bandidos”, ele menciona “pessoas”. Logo, esse discurso homogêneo do “bem”, se quebra um pouco nessa frase “nós estamos desacomodando pessoas...”, que se refere aos traficantes. O texto dele em relação a todo o discurso do jornal, entra em desarmonia, porque o telejornal deixou claro que existem 3 posições no conflito do Morro do Alemão e da Vila Cruzeiro: polícia igual a bem, traficantes igual a mal e pessoas que estão no meio desse confronto, que estão propícias a ajudar a polícia e conseqüentemente estão do lado do bem. Então há uma ruptura ou uma disfunção discursiva nessa fala.

E18 – B.L: Para enfrentar os ataques, as folgas dos policiais foram suspensas. Os PMs que fazem serviço interno nos batalhões foram para as ruas, o Estado, por enquanto, descarta o uso da Força Nacional de Segurança, mas pede apoio para tirar os criminosos do estado. Sessenta e dois criminosos do Rio, estão hoje em presídios federais.

L.P.B: Nós temos quatro presídios federais em várias regiões do Brasil, nós estamos oferecendo até 50 vagas ao Rio de Janeiro para fazer transferência dos presos, caso o estado julgue necessário.

Nesse enunciado há um conflito, e esse conflito é uma ação da polícia. Então existem duas situações: “as folgas dos policiais foram suspensas”, e “os PMs que

fazem serviço interno¹⁴ nos batalhões foram para as ruas”. Percebe-se que o discurso que o telejornal está construindo em relação a polícia é que ela está fazendo um sacrifício nessa ação, é coisa típica de guerra fazer sacrifícios.

Mas mostra também que o Estado, na realidade, descarta o uso da Força Nacional de Segurança e não trata o problema com uma grandeza. O telejornal, de maneira velada, faz uma crítica a essa postura do Estado de entender que a situação é local. Observamos isso no trecho “mas pede apoio”, que produz efeito de sentido de ajuda. Então, quando se descarta a força nacional de segurança, mas pede ajuda para tirar os bandidos do estado é porque não tem forças suficientes para agir sozinho e o problema é bem maior do que se acredita. Para complementar, na fala do Ministro da Justiça, percebe-se que do ponto de vista nacional, há uma possibilidade de o Governo Federal ajudar, mas que, por enquanto, o estado do RJ crê que dá para resolver o problema internamente. O telejornal constrói como negativo, porque menciona “descarta, mas pede apoio”. Então, o JN produz a pensar que se eles dão conta do problema, não precisaria pedir ajuda.

A expressão “tirar os criminosos do estado”, não dá só um efeito de sentido de transferência de presídio, mas de extirpá-los. Isso mostra que o problema é muito maior, a nível federal. O termo “por enquanto” também vai ter efeito de sentido, pois no momento eles acreditam que estejam dando conta da operação, o que não é garantido. O JN sustenta essa crítica ao inserir a fala a qual se atenua a convicção “caso o estado julgue necessário”, dita pelo ministro da justiça Luiz Paulo Barreto.

3.2.3 Os maus policiais

Depois que as bandeiras do Brasil e do Rio de Janeiro foram hasteadas no alto do teleférico do morro do Alemão, no dia 28 de novembro, alguns moradores da região procuraram a Defensoria Pública do Estado para fazer denúncias contra policiais, que segundo eles estavam se aproveitando da ação para cometerem abusos. Essa matéria foi exibida dia 29 de novembro de 2010.

E19 – F.B: A Corregedoria Unificada das Polícias do Rio e a Defensoria Pública do estado, estão investigando denúncias de

¹⁴ O serviço interno dos policiais são serviços burocráticos, atendimento de telefones, direção de escala de serviço, almoxarifado, distribuição de armas. Serviços burocráticos que são realizados dentro dos batalhões.

alguns moradores sobre casos de abusos praticados durante a ocupação das favelas.

Nessa sequência discursiva, percebemos que o telejornal faz um contraponto de uma situação que está ocorrendo no caso de abusos dos policiais em relação aos moradores. Observamos que a palavra “abuso” é mencionada somente porque diz respeito aos moradores e não aos bandidos. Como já fora visto em outros enunciados, não se encontram em desvantagem com a polícia. Para confirmar isso, no E14, verificamos a expressão “bandidos armados” e em momento algum menciona-se a palavra “abusos”.

Mediante a Formação Discursiva Jornalística, todo jornalista deve ser imparcial; sendo assim, ele tem que ouvir todos os lados. Então, aqui há um contraponto. Inicialmente percebe-se, pelo efeito de sentido, que essa situação é um fato isolado. Tanto pela expressão “alguns”, quanto pelo termo “casos”, mostra que essa situação está muito indefinida. Apesar do Jornal Nacional apresentar o contraponto como suposta imparcialidade, ainda assim percebe-se que o telejornal está apoiando a polícia.

Ainda sobre este enunciado, a expressão “Corregedoria Unificada das Polícias”, vai ter efeito de sentido de trabalho em conjunto. Porque a palavra “corregedoria” é um órgão que regula e a expressão “unificada das polícias” não atua somente com uma polícia, mas com várias.

E20 – L.T: Na porta das casas e do comércio, recados para os policiais que estão vasculhando os morros em busca de bandidos. Aqui está escrito: “por favor não quebrem mais do que vocês já quebraram”. O pedido é de uma faxineira, que chegou em casa e encontrou os móveis danificados.

Faxineira: eu derramo muito suor, eu sou diarista, faxineira, eu ganho 70, 50, o que pintar eu faço para manter a minha vida. Agora, como que vou comprar um guarda-roupa desse, moço?

Já neste enunciado constatamos que o telejornal vai confirmar os abusos da polícia; ele não especula, mas apresenta um caso definido. Percebemos nas expressões “por favor não quebrem mais do que vocês já quebraram” e “encontrou os móveis danificados”. O fato de ter um recado ali, significa dizer que essas portas estavam fechadas e quando se deixa um recado na porta quer dizer que não há ninguém em casa. Na medida em que a polícia faz uma busca sem o morador estar presente, configura-se abuso. Lembrando sempre que os policiais estão em busca

de criminosos, mas o efeito de sentido provocado aqui, é que o JN retrata os moradores nesse conflito como vítimas.

Para confirmar, as expressões “recados”, “por favor” e “pedido”, promovem efeito de sentido, mostrando que a população não está contrária a ação, mas estão protestando contra esses casos de abusos. O pedido sendo de uma faxineira, reforça esse sentido de que os moradores são realmente vítimas nesse conflito e que, na realidade, apesar de serem vítimas, estão tratando o caso com educação. Quando se diz “o recado com um pedido”, mostra que são formas educadas de lidar com a situação. E aí coloca-se a frase da faxineira que vai mostrar mais ainda a questão dela como vítima.

Na reportagem de Lilia Teles aparece a imagem do guarda-roupa todo quebrado, as roupas espalhadas pelo chão, as gavetas desmontadas, dentre outros prejuízos. Em relação a isso, o telejornal apresenta uma imagem de vitimização que vai causar um efeito de sentido de comoção para quem está assistindo, principalmente porque há um processo de identificação de um sujeito com o outro. Ou seja, quando o JN retrata a faxineira como uma mulher que ganha pouco e que se mantém sozinha, mostra um discurso dramático em relação a situação da mesma e que houve um abuso exacerbado por parte da polícia.

E21 – L.T: A denúncia dos moradores é contra os maus policiais que se aproveitam da operação para cometer abusos. São invasões, agressões e roubos, feitos contra uma população que ainda comemoram o fim do domínio dos bandidos.

São relatos graves, esta mulher conta que a casa dela foi revistada mais de dez vezes e que o marido foi torturado por policiais.

Moradora: Botou saco na cabeça do meu marido e falava pro meu marido falar aonde estavam os outros bandidos. Meu marido falou: “sou trabalhador, não sei onde tem bandido nenhum”. Aí eles [SIC] falou: é melhor vocês falarem que vai ser pior pra vocês.

Com certeza existem os abusos. Porém, o telejornal vai atenuar o lado dos policiais quando diz que não é um fato generalizado, mas que acontece em alguns casos, como é mencionando no E19. Quando se usa a expressão “maus policiais”, provoca efeito de sentido. Porque se existem “os maus”, existem também “os bons”.

Observamos no verbo “aproveitar”, que produz o efeito de sentido de oportunismo. Ao mesmo tempo percebe-se que há uma insistência do telejornal em relação ao conflito armado como guerra. Tanto é que se apresentam pessoas que se aproveitam, existem as vítimas e conseqüentemente o lado do bem e o lado mal. E

apesar de existir o lado do bem que são os policiais, dentro desse lado do bem existem pessoas do mal.

Pelas CP, quando se fala de aproveitamento e mostra um discurso de guerra, normalmente são pessoas que se valem do caos que está estabelecido diante de um conflito. Porém, não significa dizer que os moradores da favela deixaram de estar do lado do bem. Percebemos isso na fala “ainda comemoram o fim do domínio dos bandidos”. Então, não é por conta desses abusos que a população deixou de estar do lado da polícia. Observamos no E20, quando se utiliza expressões de educação e de polidez para com os policiais.

Na continuidade do texto, a jornalista diz “são relatos graves...”, que provoca efeito de sentido em relação de sinonímia com “abusos”, por que a casa foi revistada mais de 10 vezes e o marido foi torturado. Para corroborar com esse discurso, a moradora narra uma cena de crueldade: “colocaram um saco na cabeça do meu marido...”, e ainda na frase “é melhor vocês falarem que vai ser pior pra vocês”, nisso fica caracterizado o abuso e a tortura. O efeito de sentido disso vai mostrar que não é uma atitude comum da polícia, pelo fato de revistarem a casa mais de 10 vezes.

Ainda no narrado da moradora, o telejornal continua construindo um discurso de que a população é vítima. Quando o enunciado menciona “sou trabalhador”, vai seguir o mesmo raciocínio do E20 automaticamente o sujeito que está vendo o telejornal se identifica. Isto é, trabalhador, do ponto de vista geral, é uma pessoa que vive se dedicando as atividades normais com honestidade, então toda vez que se ouve ou se constrói essa fala, vai provocar um efeito de sentido de uma pessoa honesta.

E22 – L.T: A Defensoria Pública do estado levou um ônibus para receber as denúncias, como os prejuízos na igreja do padre Barnabé.
Padre: Derrubaram tudo, fizeram um estrago maior na igreja daqui, ontem já foram na trindade, enquanto as [SIC] mulher foram pegar a chave quebraram tudo.

Observamos neste enunciado, que o estado não está omissos a esses abusos. Na frase “a defensoria pública do estado levou um ônibus para receber as denúncias”, mostra que o estado está tomando providências para que essa situação não fique impune. Logo, o telejornal vai construindo um discurso mais afinado com

as instituições, quando diz basicamente que o estado está tomando as medidas necessárias.

Na primeira frase do enunciado, ao mencionar a palavra “ônibus”, percebe-se um efeito de sentido da imagem de abuso. Porque “ônibus” é um veículo de grande porte e vai comportar muitas pessoas, logo há uma grande quantidade de denúncias feitas em relação a esses prejuízos.

Aqui o termo “abuso” vai estar ligado a noção de vandalismo. Observamos isso na frase do padre, quando ele fala “derrubaram tudo, fizeram um estrago maior...”. Quando se faz um ato de vandalismo desse, dentro de um lugar religioso, passa-se a ideia de “mal” em vários aspectos. Na fala “enquanto as mulheres foram pegar a chave, eles foram lá e quebraram tudo”, gera mais uma vez a imagem de desrespeito por parte dos maus policiais. Se as mulheres foram pegar a chave é porque a igreja estava fechada, ou seja, eles invadiram um ambiente religioso e quebraram tudo. Então o ato de vandalismo está contido nesse sentido.

E23 – L.T: A Corregedoria Unificada das Policias do Rio já está investigando várias denúncias. Entre elas a de um morador que acusa policiais de roubar na casa dele R\$31,000,00 de uma indenização trabalhista. Mas nas ruas das favelas, moradores dizem que a maioria dos policiais tratou a população com respeito.

Nessa sequência discursiva, há um deslizamento de sentido. Uma parte continua aludindo à noção dos abusos. Nesse caso, o abuso da polícia é o de roubo. Na fala “várias denúncias... entre elas a de policiais roubar 31 mil de uma indenização trabalhista...”, mostra mais uma vez a questão do morador ser trabalhador, pelo efeito de sentido da palavra “trabalhista”. Daí, remetemos ao discurso da vitimização discutido no E20. Pelo fato do morador ter recebido esse dinheiro do seu trabalho e não de práticas criminosas, o telespectador, que é honesto, acaba se identificando com as pessoas que sofreram esses abusos.

Por outro lado, quando a jornalista fala de “várias denúncias”, podemos enumerar de que forma aconteceram os abusos: invasão, agressão, vandalismo, roubo. Como também fica visível no E21, onde a repórter cita as principais denúncias feitas por alguns moradores.

Porém, há um deslizamento de sentido para corroborar com a ideia de que, existem os abusos, sim, mas que não é pela maioria dos policiais. Observamos essa mudança na frase “mas nas ruas das favelas, moradores dizem que a maioria dos policiais tratou a população com respeito”. Então o respeito é mutuo; já que eles

trataram os policiais com respeito, a maioria deles tratam com respeito também. Com isso, se produz o efeito de sentido da palavra população. No início do E19, analisamos o discurso que esses abusos seriam fatos isolados, pela expressão “alguns moradores”, que não é uma população inteira e também pela palavra “casos” que não é uma situação geral. No final das contas, enquanto que os policiais maus são identificados por “alguns moradores”, os policiais que trataram os moradores com respeito, tiveram a identificação da população. A população dá um efeito de sentido de moradores como um todo.

E24 - Comerciante: Olharam, perguntaram alguma, fizeram algumas perguntas, mas nada fora do normal, tudo certo.

Moradora: Eles estavam super educados, super “tranquilo” mesmo.

Já neste enunciado, verificamos dois depoimentos. Na fala do comerciante “olharam... fizeram algumas perguntas, mas nada fora do normal, tudo certo”, o efeito de sentido da palavra “tudo certo”, é que ocorreu tudo dentro dos conformes, ou seja, a avaliação dele é que estava correta a ação. Todavia, a fala da moradora vai provocar um efeito de sentido que reverte todo o caso de abuso, porque ela usa duas vezes a expressão “super”, que passa a ideia de incomum. Enquanto o comerciante fala que foi nada fora do normal, ela diz que foi acima do normal, o que fica nítido com o acionamento do discurso. Ao utilizar a expressão “estavam super educados”, mostra que nessa situação específica, os policiais estavam agindo de uma maneira diferente. Já na expressão “super tranquilos mesmo”, provoca um efeito de sentido de que a polícia fez além do que é exigido deles.

E25 – L.T: O governador Sergio Cabral, disse que o estado vai agir com rigor contra os maus policiais.

S.C: Vamos punir rigorosamente qualquer policial que se afaste da prática correta que a população está tão, tanto louvando. Aquele infeliz que é, não proceder assim, não vai manchar esses heróis que estão trabalhando com tanta dedicação.

F.B: O Chefe de Polícia Civil e o Comandante Geral da PM declararam que vão expulsar os policiais que tiverem cometido abusos durante as operações.

Começaremos por analisar a fala da apresentadora e por fim retomamos. Em seu discurso ela diz “o Chefe de Polícia Civil e o Comandante Geral da PM”, isso corrobora com o E19 que fala da Corregedoria Unificada das Policias, ou seja,

mostra que não existe somente uma vertente na ação, mas a unificação das polícias para um bom resultado.

Nesta sequência discursiva, ainda se percebe aquela imagem dos maus policiais que o telejornal constrói. Quando na fala do governador diz que “o estado vai punir os maus policiais”, fica claro essa ideia, mas que também existe os bons. Na expressão “a população estão tanto louvando”, a palavra população remete aos moradores de maneira geral como vimos no enunciado anterior, e aí produz o efeito de sentido de que a população está reconhecendo como correto o procedimento da polícia.

Assim, percebemos que há um afinamento: existem os maus policiais que o telejornal não nega, mas que na sua maioria os policiais são do bem. Logo aparece o termo “heróis”, que é associada pelo telejornal aos bons policiais. Tal expressão provoca efeito de sentido, que a polícia está fazendo mais do que simplesmente cumprir uma missão. É o que se percebe no enunciado anterior, quando a moradora fala que eles foram “super educados”. Então percebe-se que não foi um trabalho cotidiano e que por vencer o lado do mal, são vistos como “heróis”.

Por fim, o governador Sergio Cabral também diz “aquele infeliz que não proceder assim, não vai manchar esses heróis”. As expressões “infeliz” e “manchar”, completa o efeito de sentido dessa noção de bem contra o mal, não só pela questão de ser um mau policial, mas já que a maioria são considerados “heróis”, existe também o “anti-herói”, e esse vai ser considerado um “infeliz”. Também produz efeito de sentido, por que esse tipo de ação é para promover a felicidade de quem está trabalhando.

Voltando para a fala da apresentadora, verificamos na frase “declararam que vão expulsar os policias que tiverem cometido abusos”, que o estado está agindo e que não está omissivo, como confirmado no E22. Isso mostra que o estado está tomando providencias em relação a esses maus policiais e que não vão ser tolerados. Ao mencionar a palavra “expulsar”, observa-se que essas providências não dizem respeito a uma simples punição, mas que se alguém cometeu abuso e se não é do lado do bem, não podem ser aceitos. Porque na Polícia Militar passa-se essa imagem, que ela é sempre o lado do bem e esse lado não pode ser manchado; não pode existir uma heterogeneidade em relação aos policiais que estão na operação. Portanto, o telejornal constrói esse discurso, que só existe uma posição do ponto de vista da polícia: heróis, pessoas que trabalham, pessoas honestas, do

bem, e qualquer coisa que venha a denigrir essa imagem, tem que ficar do lado de fora.

3.2.4 Cobertura das operações rende o Emmy ao JN

As imagens feitas pela Globo rodaram o mundo e se tornaram um símbolo da volta do poder público às áreas dominadas pelo crime. Em 2011, o Jornal Nacional conquistou o Prêmio Emmy Internacional, por sua cobertura das operações policiais na Vila Cruzeiro e no Complexo do Alemão. Foi a primeira vez que um telejornal brasileiro conquistou o prêmio, considerado o Oscar da televisão.

E26 – H.P: Mais de duzentos profissionais trabalharam na cobertura da ocupação do Complexo do Alemão

F.B: A repórter Bette Lucchese nos ajuda a lembrar de alguns dos momentos mais marcantes.

Este enunciado diz respeito a uma matéria que relata a história de como foi feito a cobertura das operações nas favelas, que respectivamente rendeu o Emmy ao Jornal Nacional. Essa reportagem foi exibida no dia 28 de setembro de 2011.

E27 – B.L: Essa população que viveu mais de 20 anos sobre o domínio do tráfico, ainda está se acostumando com a presença do estado e com a liberdade recém-conquistada. Sidney conta que na semana da ocupação, a família dele ficou trancada em casa.

Morador: Pela televisão nós conseguimos ver, neh, onde estavam os focos, os bandidos, onde estavam as pessoas sofrendo, correndo, neh, pessoas baleadas.

B.L: Esta estrada liga a Vila Cruzeiro ao Morro do Alemão. Hoje, é uma estrada com pouco movimento, onde nós conseguimos fazer algo bem simples que antes parecia impossível, caminhar por aqui. Dez meses atrás, este lugar se tornou símbolo para o Brasil e o mundo, da luta do estado contra o tráfico de drogas.

O caminho foi usado por bandidos, que encurralados pelas forças de segurança, saíram numa fuga desesperada em direção ao Alemão. O flagrante foi feito no dia 25 de novembro pelo globocop, com uma lente de grande alcance. A cobertura inscrita no Emmy, compreendeu as edições do JN de 24 a 29 de novembro.

Arquivo: A gente inclusive não pode acender a luz por conta do perigo.

De início, observamos que, apesar de haver uma diferença de data, o discurso não destoia das análises anteriores. O que fica visível em relação ao confronto que aconteceu entre a polícia e o tráfico é realmente um cenário de guerra. Percebemos isso quando se menciona as palavras “liberdade”, “trancado em

casa”, que gera uma ideia de prisão e “símbolo para Brasil e o mundo”, que produz um sentido internacional da luta. Porém, há uma diferença: nas matérias anteriores, havíamos verificado que existia um conflito entre o bem e o mal, agora percebe-se que o telejornal muda um pouco a configuração discursiva; ele está considerando uma luta entre tráfico e Estado.

Nos discursos analisados, percebe-se também que o Jornal Nacional se refere sempre aos traficantes como bandidos, neste enunciado só se menciona a palavra “bandidos” na frase do morador. Então, há uma substituição pelas expressões “domínio do tráfico”, “estado contra o tráfico de drogas”, quando antes não era muito visível essa distinção. Assim sendo, fica mais reforçado a noção de estado e domínio do tráfico, que era tratada de maneira mais velada.

Ainda sobre a questão da palavra “liberdade”, quando a jornalista fala “nós conseguimos fazer algo bem simples, que antes parecia impossível, caminhar por aqui”. Ao mencionar “parecia impossível”, produz efeito de sentido de um evento miraculoso, ou seja, uma coisa que não era fácil. Na frase “Caminhar por aqui”, essa expressão vai estar unida parafrasticamente ao termo “liberdade” e “trancado em casa”, pois se aqui diz que antes era impossível, agora eu caminho. Por isso, o fato de caminhar num local que não era possível e também passa uma ideia de prisão, vai acionar esse efeito de sentido que é o de liberdade. Pelo discurso do JN, a comunidade da Vila Cruzeiro foi libertada do tráfico, agora se pode transitar livremente.

Por fim, lembrando a análise do E10, onde os moradores não tinham noção do que estava ocorrendo e que eram ignorantes, a fala do morador aqui dá um entendimento desse sentido. Quando ele diz “pela televisão nós conseguimos ver”. O noticiário nesse caso, vai ter um efeito positivo sobre os moradores da comunidade, pois o discurso do morador representa uma fala geral, de todos. Na televisão, eles conseguiram ver onde estavam “os bandidos, as pessoas sofrendo, correndo, pessoas baleadas”. E aí tem tudo a ver com o mérito do prêmio, porque se a televisão consegue proporcionar essa clareza para o telespectador, podemos dizer que o Jornal Nacional é um objeto de percepção da realidade que os moradores não estavam conseguindo enxergar.

Partindo desta perspectiva, percebemos que o resultado desse trabalho, que prestou um grande serviço à população do Rio de Janeiro, foi o Emmy Internacional. O troféu é considerado o Oscar da televisão mundial. Esse prêmio é o fruto da

mensagem que o telejornal passa e que faz as pessoas terem melhor percepção do que está ocorrendo. Ou seja, a reportagem leva ao esclarecimento da população.

E28 – F.B: Nós tínhamos muitos repórteres nas ruas, muitos produtores ajudando na apuração, muitos editores tentando colher informações e passar para os repórteres que estavam nas ruas. Não é à toa que o nosso prêmio foi conquistado com uma lista de duzentas pessoas participando.

B.L: Além do JN, o jornalismo da Globo transmitiu ao vivo, durante a programação, a fuga dos traficantes da Vila Cruzeiro e a ocupação do Complexo do Alemão.

Arquivo: Hoje de manhã, as tropas já entraram ali na favela do Alemão.

Este enunciado aciona um discurso jornalístico técnico, pois fala do jornalismo em si. Se analisarmos as expressões “nós tínhamos muitos repórteres”, “muitos produtores”, “muitos editores”, “uma lista de duzentas pessoas participando”, “o jornalismo da Globo transmitiu ao vivo”, perceberemos que o Jornal Nacional está sustentando o compromisso e o emprego técnico, como mérito da cobertura que ganhou o prêmio.

Quando fala “além do JN, o jornalismo da Globo transmitiu ao vivo, durante a programação”, a frase “durante a programação” percebe-se que não foi só a cobertura do Jornal Nacional em si, mas que a emissora se preocupou com o conflito de maneira geral. “Programação” do ponto de vista do discurso jornalístico, refere-se ao dia inteiro, o que reforça mais ainda o fato do jornalismo da Rede Globo está envolvido e não somente o JN. Percebemos também quando entra o arquivo que diz respeito ao RJTV – 1ª edição. Então, quando se menciona todos esses aparatos técnicos e a quantidade de pessoas envolvidas na cobertura, promove um sentido de um grande acontecimento, que remete também a um fato histórico como já vimos no E1, mostra realmente a magnitude da ação.

E29 - B.L: Para diminuir riscos em áreas de confrontos, o colete a prova de bala é um equipamento obrigatório em coberturas como essa. Eu, o repórter cinematográfico Luiz Júnior e o técnico Mário Lago Neto, falamos pela primeira vez ao vivo do alto de uma das comunidades.

Usamos um equipamento leve, fácil de carregar, uma pequena câmera e um computador com acesso à internet. Foi daqui que fizemos a primeira transmissão.

Arquivo: nós estamos numa área com muita segurança.

E.B: Durante aquela semana, foi muito importante separar o que era fato do que era boato, do que era especulação. E o trabalho dos nossos jornalistas foi muito importante, porque graças a apuração

rigorosa, apuração isenta das notícias, nós conseguimos transmitir pra população, o que de fato estava acontecendo, eu acho que a gente prestou um grande serviço pra população do Rio de Janeiro.

Em E29 também se repete o discurso técnico. Na frase “o colete a prova de bala é um equipamento obrigatório em coberturas como essa”, a expressão “colete a prova de bala” produz um sentido de guerra. Por todo o enunciado observa-se expressões como “equipamento leve”, “uma pequena câmera”, “um computador com acesso à internet”, tudo isso ressalta o aspecto técnico profissional. Também na fala “nós estamos numa área com muita segurança”, indica que para a cobertura o telejornal não foi irresponsável, apesar de ser uma ação policial. Pelas CP, sabemos que existem emissoras que fazem coberturas policiais espetacularizando a matéria. Observamos aqui um discurso jornalístico profissional e anti-sensacionalista.

Em suas palavras, Erick Brêtas¹⁵ reforça essa ideia de não sensacionalismo. Confirma-se nas expressões “foi muito importante separar o que era fato do que era boato, do que era especulação”, “apuração rigorosa”, “apuração isenta das notícias”, “conseguimos transmitir para a população o que de fato estava acontecendo”. Todas essas medidas são necessárias para que uma matéria seja produzida com veracidade e responsabilidade, dentro do que está ocorrendo. Por fim, remetemos a fala “eu acho que a gente prestou um grande serviço pra população do Rio de Janeiro” ao que foi dito no final da análise do E27.

E30 – B.L: Esta premiação, tem um significado especial para a redação da TV Globo.

A.K: Em 2002 o Tim Lopes, nosso colega, foi assassinado ali na Vila Cruzeiro denunciando o tráfico, neh. Na ocasião a gente prometeu continuar denunciando o tráfico e completar a história que o Tim não pode. Quando recebemos o Emmy, os jurados se quer imaginavam que essa premiação teria ainda mais esse simbolismo, a conclusão de uma história que o Tim começou em 2002.

Em princípio, observamos um discurso corporativista, porque mostra um compromisso de solidariedade com o jornalista Tim Lopes. Como já vimos no E8, a Globo relembra a história do repórter que morreu em 2002. Desse ponto de vista, o enunciado parece ser corporativista, pois a equipe do telejornal está sendo solidária com o colega que foi assassinado.

Porém esse efeito de sentido vai se deslizando para o discurso mais narrativo-literário, porque se menciona a expressão “história”. Duas vezes aparece a

¹⁵ Diretor regional de jornalismo – Tv Globo – RJ

palavra “história” e aparece também os sintagmas “significado especial” e “simbolismo”, que estão ligados ao discurso narrativo-literário. Observamos que a matéria, além da sua cobertura jornalística, ela teve o objetivo de contar uma história, que não é uma invenção e nem ficção, mas num prisma narrativo e que teria começado pelo jornalista investigativo.

Neste enunciado mostra que o tráfico era o foco principal da Rede Globo e que ela não se deixou temer pela morte do repórter. Mas há um efeito de desigualdade-contradição-subordinação. Na fala de Ali Kamel¹⁶. Observando que a matéria não foi uma denúncia e sim uma cobertura, o caso de Tim Lopes foi diferente. Não é a mesma coisa, mas a emissora acaba construindo uma relação de sinonímia, quando fala “em 2002 Tim Lopes, nosso colega de trabalho, foi assassinado ali na Vila Cruzeiro denunciando o tráfico”, “na ocasião a gente prometeu continuar denunciando o tráfico e completar a história que o Tim não pode”. Então, essas frases mostram uma sustentação discursiva como se a cobertura fosse uma continuidade daquela matéria investigativa. Investigar promove um sentido de contar uma história, e na realidade, o que a Globo fez durante o período da ocupação das favelas, foi uma cobertura jornalística.

¹⁶ Diretor da central Globo de jornalismo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso é a expressão linguística do resultado da interação entre sujeitos relacionados em uma determinada formação social, estabelecidas pelas condições de produção e reprodução social, onde existem intrinsecamente a ideologia. Tendo em vista o que este significa e como são sustentados pelo sujeito que o defende, é determinado também, por fatores sócio linguísticos. Nosso esforço foi concentrado na busca dos principais sentidos sustentados sobre a ocupação do conjunto de favelas da Vila Cruzeiro e do Morro do Alemão.

A partir da análise é possível verificar que a construção do discurso sobre a operação da polícia contra o tráfico remete a uma ação de guerra. Logo nos primeiros enunciados, verificamos expressões como: blindados especiais da Marinha, um longo comboio da Tropa de Elite, mais de 170 homens do BOPE. Esse discurso vai se estendendo na perspectiva de apresentar subsídios próprios de guerra e sustentar a imagem que o telejornal está passando.

Na sequência discursiva, a partir da ação entre policiais e traficantes, o telejornal produz um discurso que existem dois lados no conflito, do bem e do mal. Onde a polícia representa o bem, fazendo o papel do “mocinho” que defende a lei e combate o mal, como foi colocado na análise do E2. E o mal está ligado aos traficantes. Desde então, o Jornal Nacional identifica os traficantes como “bandidos”, especificando para os telespectadores quem está a serviço da população e quem está agindo contra. Contudo, há uma problemática.

Durante toda a cobertura desse evento o telejornal reafirma o discurso do bem e do mal, porém, na última matéria sobre o prêmio há uma substituição dos termos. O JN distingui tráfico, referente aos criminosos que estão causando uma série de tormentos na região, e Estado, onde o governo junto com as forças armadas da polícia está unindo forças para estabelecer paz na comunidade.

Considerando esse viés e o enunciado 17, onde o secretário de segurança trata os traficantes como pessoas apenas, chegamos à conclusão que essa noção de bem e mal não é tão simples como se apresenta no discurso do telejornal. Porque uma coisa é o discurso e outra é o fato. No prisma discursivo, é claro essa oposição bem e mal. Mas do ponto de vista do que realmente aconteceu, não, pois a ação ocorreu de forma constante.

No geral, o discurso do JN do início ao fim sustenta a ideia de que a polícia era o lado certo a se seguir, o “lado do bem”. No contraponto das denúncias feitas contra alguns abusos da polícia, o telejornal faz uma separação entre os “maus policiais” e “bons policiais”. Na medida em que esse discurso vai se atenuando, o Jornal Nacional vai reforçando a imagem da polícia como heróis e dos moradores como vítimas desse conflito. Vítimas primeiramente dos traficantes que trazem uma série de malefícios, como fora visto no E15, e por fim, nesse caso específico, dos “maus policiais” que não trabalharam a favor da população, mas que não são considerados a maioria.

Por outro lado, quando o Jornal Nacional faz a cobertura do evento utilizando todos os dispositivos necessários para que a notícia chegasse aos moradores de forma responsável (com globocop, flagrando a ação dos traficantes) entende-se pelo discurso do telejornal que tudo isso influenciou para que população tivesse uma maior percepção do que realmente estava acontecendo. Outrora, os moradores não tinham noção do problema que vinham enfrentando e não enxergavam o mal que estava tão próximo. No E27, um morador em entrevista diz “pela televisão nós conseguimos ver”, isso mostra o efeito de sentido da cobertura naquele momento do confronto.

Trazendo mais uma vez a fala do morador, observando todos os aparatos utilizados para a realização das matérias, vistos no E28 e considerando que o telejornal estava fazendo a cobertura de uma ação policial onde existia um conflito armado, percebemos o lado profissional que o noticiário passa em realizar a cobertura de maneira não sensacionalista, mantendo, assim, a integridade física de toda a equipe envolvida e a imagem da emissora. O que designou ao JN o Emmy internacional, na categoria notícia.

Além disso, numa perspectiva moral, o Jornal Nacional dedica o prêmio ao jornalista Tim Lopes como simbolismo do seu trabalho na Globo. No final da reportagem, o telejornal faz uma ponte em relação a cobertura jornalística feita em 2010 com a investigação que o repórter havia iniciado antes de ser morto na Vila Cruzeiro em 2002. No último enunciado aparece a frase “na ocasião a gente prometeu continuar denunciando o tráfico e completar a história que o Tim não pode”. O foco do JN toma um rumo diferente quando tenta associar um fato ao outro, mas não perde a direção já que no E8 é reportado o caso do jornalista, mesmo que de forma velada.

Finalizando o nosso parecer a respeito do discurso do Jornal Nacional, enxergamos de forma positiva a sua contribuição para os telespectadores. De maneira responsável trouxe informações importantes, até então, desconhecidas por muitos. Desde os ataques comandados pelos traficantes no Rio de Janeiro, até o início e fim das operações feita pelo Estado, não só o JN como toda a Rede Globo estava envolvida num só propósito. Fazer a cobertura de forma responsável, mostrar o lado dos moradores da favela em diversas situações, manter o equilíbrio e profissionalismo mediante toda aquela turbulência, foi a missão da emissora. Um conflito armado onde muitos, infelizmente, saíram feridos e até mortos, mas que na sua maioria tiveram um bom resultado, o fim do domínio do tráfico na região, naquele momento.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: notas para uma investigação.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1974.

ARRUDA, José Jobson de A; PILETTI Nelson. **Toda a história: história geral e história do Brasil.** 12ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo.** São Paulo: Atlas, 1990.

GLOBO, Memória. **Jornal Nacional: a notícia faz história.** Rio de Janeiro: Jorge Zagar Editor, 2004.

MAMBERTI, Sérgio. **Rede imaginária: televisão e democracia.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** 7ª ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **O que é linguística.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

PARTENOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summs, 2000.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional e da Rede Globo entre trabalhadores.** São Paulo: Summs, 1985.